Fábulas

Anastacio Luiz do Bomsucesso

Rio. 1860

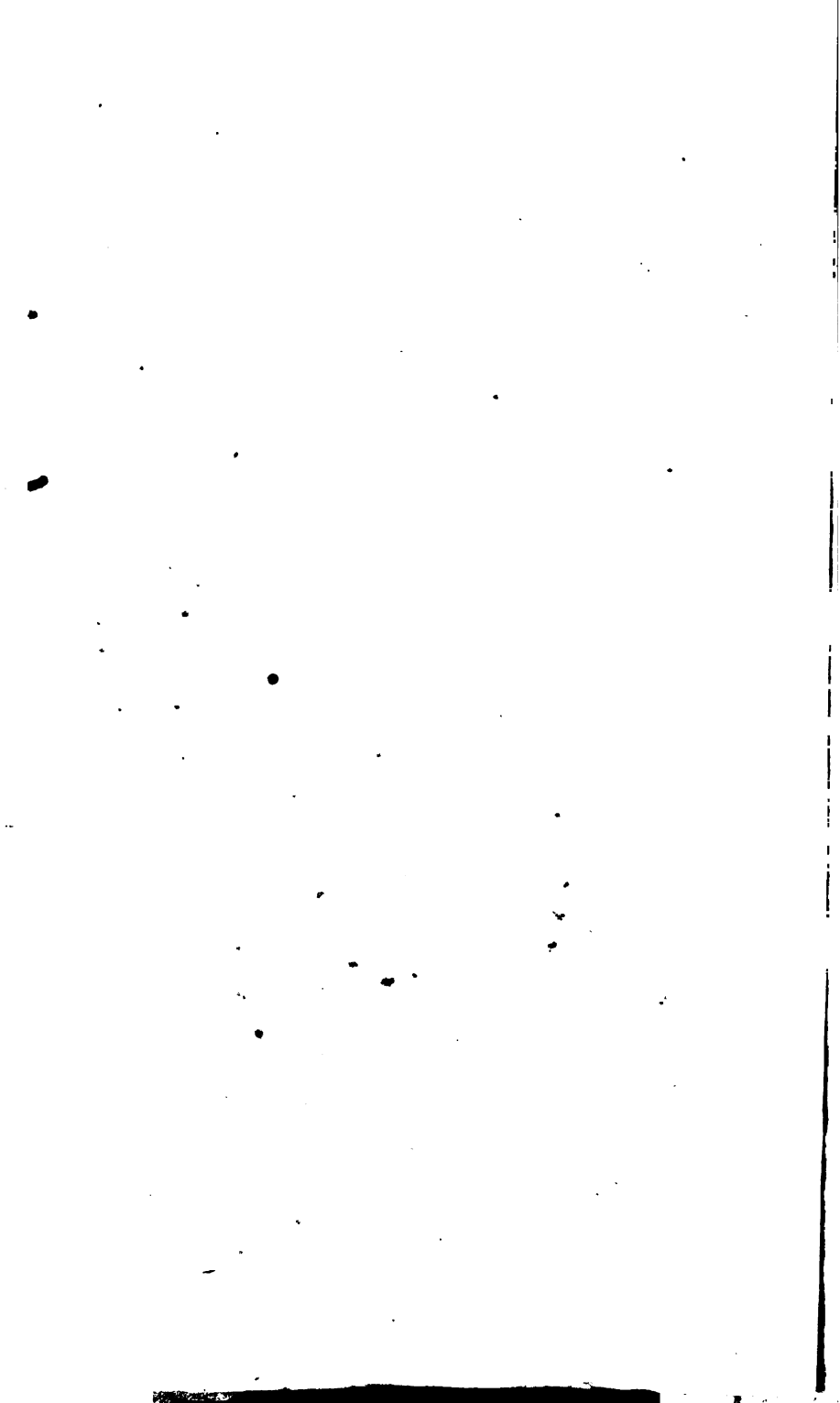
FABULAS

DE

ANASTACIO LUIZ DO BOMSUCCESSO

1854—1858.

RIO DE JANEIRO.
TYP. BRASILIENSE DE MAXIMIANO GOMES RIBEIRO
Rua do Sabão N. 114.

1860.

PROLOGO.

São os entes que outr'ora o Phrygio escravo
Com a luz da razão deu alma e vida
Os meus pobres heroes.

As vozes da verdade que fallarão,
Ou Phedro, ou Lafontaine, ou Maldonado,
São essas minhas vozes.

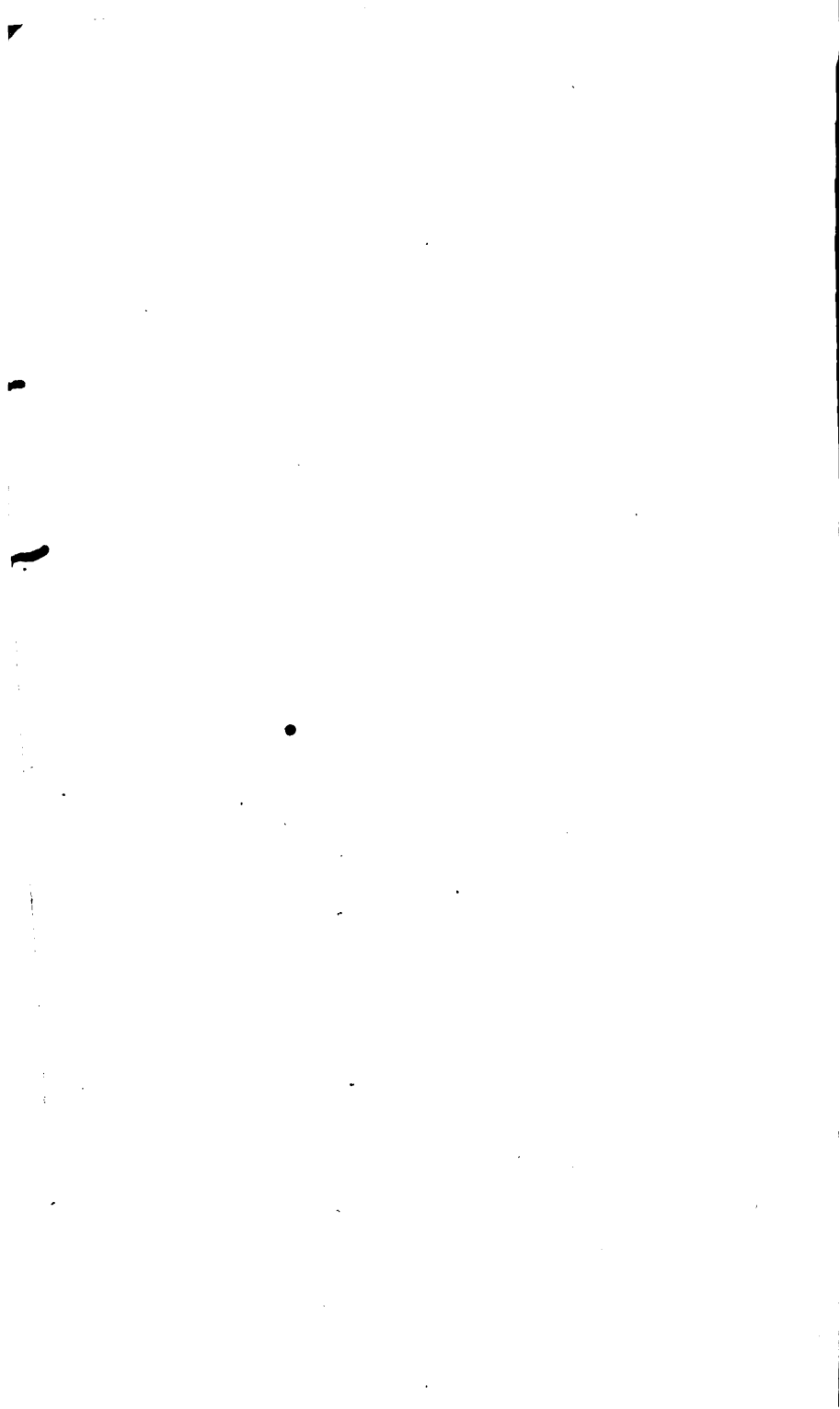
Conscia do que pretende, a minha musa,
Além não se erguerá buscando flores,
Rastejará humilde.

Sem talento ou lição, e mesmo baldo
De senil experiencia, eu pedirei
Auxilio aos que mais sabem.

Novo não hei de ser; porém rasteira,
Servil imitação, guiar não deve
Meu acanhado engenho.

Ou da patria querida, ou d'outros climas,
Possão os meus heroes, aos homens dar,
Proveitosas lições.

E se na vida alguem disser-me um dia:
Imitador de Esopo, a ti eu devo
Alguns doces momentos.

Me julgarei bem pago dessas horas
Em que, pobre estudante, collegia
As fabulas seguintes.

FABULAS.

LIVRO PRIMEIRO.

I.

O GAZ E O LAMPEÃO.

Dizem que um lampeão de claro gaz
Assim fallára a um de turvo azeite:
« Sahe d'aqui, velho feio, ao pé de mim,
Apagas minha luz, o meu enfeite. »

« Cala a bocca, menino, diz-lhe o velho
Illumina, que eu já illuminei,
Vou em breve sahir deste cantinho,
Nem mesmo sei aonde acabarei. »

Mas o gaz, moço bello e ataviado,
Do fumifero velho escarnecia;
Eis que no céo mil nuvens se agglomerão
Eis que zune terrivel ventania.

E nos gonzos de ferro se movendo
De bem alto cahiu o lampeão,
Vem por cima do gaz, que, soluçando,
Todo o pezo sustém deste ancião.

São e salvo da queda o velho diz:
« Machuquei-te, menino, estou vingado,
O céo, p'ra castigar tua insolencia,
Fez que fosses por mim tão maltratado.

«Minha luz já serviu, hoje não presta,
— A ideia geral tambem partilho, —
Deixa-me quieto, que do meu cantinho
Da linda luz do gaz me maravilho.

Neste conto se vê que eu só desejo
Tirar um util, salutar conselho:
—Mocidade feliz, — respeitai sempre,
Por mais pobre que seja, o homem velho.

II.

OS DOUS COLLEIROS.

Um dia, n'uma gaiola
Foi um colleiro trancado,
E por humano capricho
Viu-se assim escravisado.

Chorando dizia o triste:
«Maldita, maldita sorte,
Em lugar da escravidão
Antes me désses a morte.»

Um outro colleiro, livre
De ramo em ramo saltando,
Ouvindo queixumes taes
Ia sonoro cantando:

«Tenho o ar, flores e fructos,
Ameno campo divino,
Amores e liberdade,
Eu bemdigo o meu destino.»

Eis que n'um dia dous homens,
(Que diversa inclinação!)
Um abria uma gaiola,
Outro armava um alçapão.

Ligeiro sahe da gaiola
Pobre, escravo passarinho;
No traiçoeiro alçapão
Cahe o livre colleirinho.

Que as sortes forão mudadas
Não é precizo dizer:
Se o que gemia hoje canta
A quem compete gemer?

Quando a ventura sorri-nos,
E' justo viver contente;
Porém respeitando as dores
Do que vive descontente.

Assim tambem quando a sorte
Não nos quer favorecer,
Chorando, nunca devemos
As esperanças perder.

Pois na vida transitoria
Lembrar este dito cabe:
» Não ha bem que sempre dure
» Nem mal que se não acabe...

III.

OS PENSADORES.

Em que pensas? Eu?.. Penso na vida:
E no que pensas tu?... Penso na morte.

Quem pensava melhor? Não sei, leitor,
N'uma e n'outra pensar, é o meu norte.

IV.

A MODA, O LUXO E A DESGRAÇA.

» Os proprios reis govérno,
Tambem domino o povo,
Ter um imperio novo
E' meu prazer interno;
Mostro d'uma nação
O gráu de illustração:»
Assim, basofia toda,
Ia fallando a —Moda. —

Eu sempre te acompanho
Senhora do universo,
Teu existir diverso
Me dá immenso ganho,
Ao povo industriozo
Sou muito prestimoso:
Fallou o que eu debuxo
Apavonado —Luxo. —

Eu sigo atraz de vós
Meus illustres senhores,
Vossos fieis cultores
Um dia quando a sós
Morrem de fome e frio
Eu perto delles rio:
Soltou esta ameaça
Macilenta — Desgraça. —

Porém logo esquecido
Aquillo que ella dice,
Julgando uma tolice
O povo endoudecido,
A Moda, e o Luxo amando
Se foi arruinando:
E a Desgraça cumpriu
Sua promessa — riu.

Na moda e luxo futeis,
Os miseros mortaes
Dissipão cabedaes,
Esquecem os bens uteis;
Depois ais e gemidos
Mil vezes não ouvidos,
Por fim, em negra taça,
As fezes da desgraça!

V.

AS TRES ESMOLAS.

« Hontem dei uma esmola avultada »
Um ricaço nas folhas dizia,
Escutando os louvores da turba
Outro rico, favores fazia,

Sem annuncios do bem que fizera,
Na brilhante modestia que o cobre,
Um ricaço sosinho levava
A esmola querida do pobre.

Quereis vivas, applausos dos homens?...
Imitai o segundo, o primeiro;
Mas quereis os sorrisos de Deos
Imitai, imitai o terceiro.

VI.

O HOMEM E O JACAMI.

Em um ribeirosinho
Do solo brazileiro,
O Jacami ligeiro
Viu um brilhantesinho,
Deixou-o, e mui lampeiro
Seguiu o seo caminho.

Depois, um homem vendo
No rio, descuidosa,
A pedra preciosa,
A toma e vai correndo,
E palma ruídosa
Contente ia batendo.

E vendo isto de um lado
O Jacami, que medra,
Tal pensamento enge'dra:—
«Oh! que desmiolado!
Por causa de uma pedra,
Assim electrisado!»

Engenho'os mais subtis,
Uma obra meritoria,
Na vida transitoria
A's vezes chamão vis,
Porque na humana historia
Ha muitos Jacamis.

VII.

O PAPAGAIO.

Muitas aves contentes proclamavão:—
«E' uma illustração»—ao escutarem,
Em bonita gaiola empoleirado
Verdinho papagaio.

Nas sciencias, nas artes discorrendo,
Fallava sem cessar a ave formosa;
Os outros animaes folgão de ouvir
A trepadora illustre.

Todos que ouvião o loquaz bichinho,
Lhe offertavão de sabio o bello nome!
Eis que um dia, no meio de um discurso,
O papagaio morre.

Vem outra geração, e os netos delle,
Do sabio, seu avô, contão prodigios;
Mas os coevos, desejando provas,
As suas obras pedem.

«Jámais quiz escrever», chorando dizem
Os descendentes do animal portento,
Então os bichos, um por um, exclamão:
«Quem sabe se viveu?»

Eis ahi, meu leitor, em toscos versos,
A historia commum d'aquelles sabios,
Que, da gloria presente cubiçosos,
Esquecem a futura!

VIII.

A BORBOLETA.

Em lindos vergeis correndo
A borboleta vagava,
N'uma flôr adormecendo,
Já em outra repousava.

Por sobre cravos e rosas,
Continuava adejando,
Boninas, dhalias formosas
Ia contente beijando.

Mas de repente extremece,
Flor venenoza tocara :
—A borboleta fenece
Na mesma flor que beijara !

Quando queremos gozar
Mil prazeres nesta lida,
A morte vamos buscar,
Pensando buscar a vida.

IX.

O PORCO E O RAMALHETE.

O porco vendo algures bellos ramos,
Os toma e os chafurda
No proximo chiqueiro !

Isto que val, se os homens, que mais sabem,
Desprezão cada dia
Esforços do talento ? !

X.

DESEJOS.

Tenho desejos de fallar, dizia
Um gato,
Eu queria escrever, bradou contente
Um rato ;

E a restante alimaria annunciava
O que mais desejava:
Não houve um bicho só que não quizesse
Aquillo que jamais fazer podesse.

E nós homens, meu Deos, que praticamos?
O mesmo:
Pedimos, requeremos, supplicamos
A esmo,
Honras, empregos, posições;—não vemos
Para o que nós nascemos!
Até ser sabia muita gente almeja,
Sem que —senso commum— alguem lhe veja!

XI.

O BURRO E SEU SENHOR.

Além de algumas patacas,
Tinha um velho o seu cantinho,
Possuia alguns escravos
E tambem o seu burrinho;
Nada mais tinha, e contente
Ia vivendo o velhinho.

Eis que um dia vindo o velho
E o seu burro da cidade,
De ladrões uma quadrilha,
Com muita celeridade
Quer levar o velho e o burro,
Vejão que barbaridade!

O velhinho, respeitoso
Dizia ao burro—fujamos;
O burrinho em continenti
Diz ao velho — vamos, vamos;
E adiante dos ladrões
Corrião, quaes fossem gamos.

Livre d'elles, diz o velho
Ao burro, com expressão:
«Que te importava servir
A mim ou a um ladrão,
Se trazer duas albardas
E' a tua condição?».

«Eu bem sei, tornou-lhe o burro,
Sem mostrar prazer ou dor,
Eu as traria comvosco,
Tambem com o roubador;
Vos preferi:— um ladrão
Deve ser um máu senhor».

Dos governos a mudança,
Ao povo deve importar;
Se o rei é bom, vive o pobre,
E' verdade — a trabalhar;
Se elle é máu, o que não vem
Aos trabalhos se ajuntar?!

XII.

A INDIFFERENÇA.

Um lindo passarinho
Fez seu ninho
De aprimorado gosto !
Contente foi leval-o ás outras aves ;
Ellas, olhando-o, permanecem graves.

Se a obra era perfeita,
Imperfeita,
Não louvão, nem censurão;
E caladas ficando, o passarinho
P'ra seu tronco voltou levando o ninho.

Sem nunca mais buscar
Retocar
Os ninhos que fazia,
Arranjou-os depois, qual costumava,
Da palha mais ruím que sempre achava.

A fria indifferença,
Ninguem pensa,
Muitos talentos mata !
E o pobre artista, maldizendo a sina,
Lamenta-se, e depois... segue a rotina.

XIII.

A ZEBRA E O CORDEIRO.

Domaremos a zebra, dous sujeitos
Dicerão e partirão.
Será este cordeiro nosso brinco,
Dicerão dous meninos.

Os dous homens fazem tudo,
Quanto podem, p'ra domar
A zebra, mas não podendo,
A paciencia perdendo,
Dicerão: bicho insolente,
Deves a vida acabar.

Os meninos co' o cordeiro
Fizerão mil traquinadas,
E o pobre animal deixando,
Foi-se e foi-se definhando,
E sem pello, em poucos dias,
Se lhe contão as ossadas.

A zebra, por indomavel,
Sua existencia findou;
O terno, o pobre cordeiro,
Muito bom, muito fagueiro,
Por soffrer, por soffrer muito,
Brevemente se finou!

Os estremos, leitor, são viciosos,
Mais uma vez se diz:
Até na virtude, até na humildade,
O extremo foi fatal.

XIV.

O CAVALLO E O INSECTO.

O formoso animal, ao qual n'um dia
De acrisolado empenho,
Um inspirado canto de harmonia,
De Buffon lhe offerece o raro engenho,
Lindo cavallo, digo,
Fogozo, desinquieto,
Em sua estrebaria
Viu um dia nascer pequeno insecto

O vê crescer, e vê como —esforçado
O pai desse bichinho,
O deseja tornar bicho illustrado,
— Nigromante, talvez grande adivinho !
Mas o bichinho ignaro,
Crescendo a cada instante,
Nem ao menos aprende,
O que custa bem pouco, a ser pedante.

Incapaz de cultivo, — assim ficou
O tal animalejo,
Quando o cavallo novo lar buscou,
Desejando de gloria um nobre ensejo.
Andou e nada alcança,
Voltou desconsolado,
E vem achar o bicho,
O sobredito insecto um potentado.

Feito um grande senhor, dos personagens
Fofa altivez conserva,
Adulações, respeitos, homenagens,
Dos animaes lhe rende a vil caterva ;

Só o cavallo grita,
Rinchando com abalo,
—O' fortuna, tornaste
Um insecto maior do que um cavallo!

Qual no zenith o sol, chamma divina,
Ao busto agigantado
Dá invizivel sombra ou pequenina;
Ou qual nos horisontes, declinado,
Ao pequenino anão,
O mesmo sól offerta
Immensa, agigantada
Sombra, que as vezes o terror desperta:

A fortuna tambem, zombando, rindo
Da triste humanidade,
Folga, quando seus bens vai repartindo
Sem justiça, sem lei, sem igualdade:
—Faz homens de talento,
Mendigos desgraçados;
Faz mizeros caturras,
Ricaços, figurões e potentados.

XV.

CRESO E HOMERO.

« As minhas riquezas a fama apregoa,
Eterno meu nome será neste mundo;
Mas antes quizera renome de Homero,
As glorias de vate, de genio fecundo ».

«Meu nome é eterno, dos tempos eu zombo,
Da grande epopéa modelos tracei;
Mas antes quizera renome de Creso
Diria : — fui rico, mas não, — mendiguei!»

As sombras de Homero, de Creso fallarão,
E depois cada uma buscou o seu norte;
Ouvindo-as, eu dice: — meu Deos, neste mundo,
Quem houve, quem ha contente com a sorte?

XVI.

O JAGUAR, O TOURO E O VEADO.

N'uma vasta campina, onde contente
A vista se deleita em mil verdores,
Um veado temia d'um novilho
Os rabidos furores.

O vigoroso almalho investe afoito;
Inerte o cervo treme ali sosinho;
— Não te valem os gritos, os lamentos,
O' pobre coitadinho!

Quasi no pello do infeliz tocava,
D'esse imigo gratuito a dura ponta,
Quando nos limbos da campina vasta
Forte jaguar desponta,

Vacilla e treme no arremeço o touro.
Já d'elle proximo o jaguar exclama :
«Se não páras, por Jupiter, te juro,
Te acabarei a fama».

Parando, diz-lhe então o que sómente
Mostrára junto ao fraco insano ardor,
«O Veado jamais pagar-vos pode,
Senhor, um tal favor»!

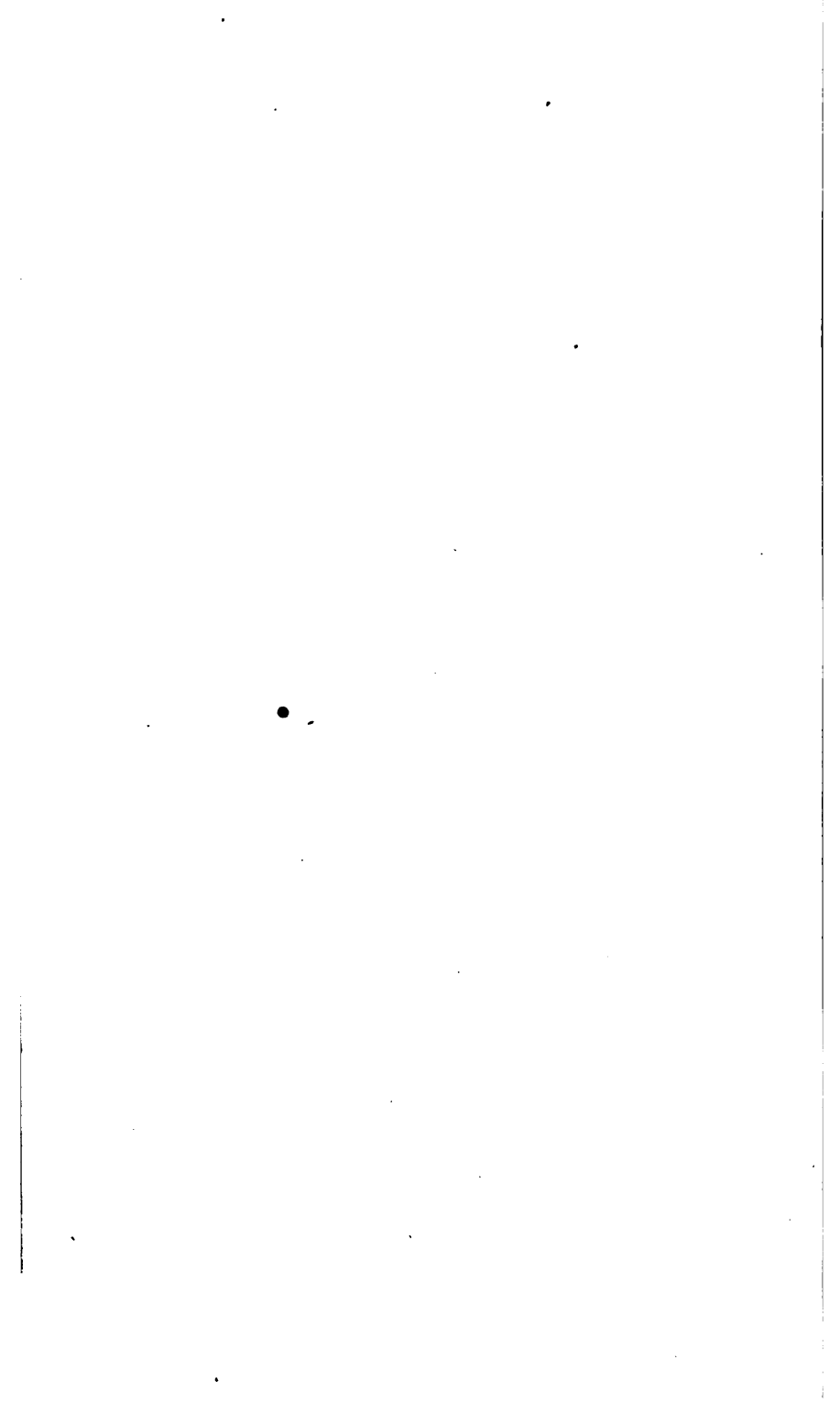
Vai-te, diz-lhe o jaguar, o bem que fiz,
Enche-me agora de alegria intensa :
— O' cervo, te valendo, não pensei
Jámais na recompensa.

Homenagem, respeito ao que soccorre,
Do infortunio os miseros companheiros!
Eterno, eterno culto ao beneficio
Sem laivos int'resseiros!...

XVII.

TEMORES.

Um rato se assustava
Do gato do visinho ;
Gato que tambem teme
A um cão de mau focinho ;
O qual por sua vez
Do lobo não gostava,
Do lobo que tremia
Quando o leão passava.

Os homens são assim, mutuos temores,
Na existencia fallaz pode curval-os ;
Curva-os ainda a lei ; e finalmente
Vem o temor de Deos avassallal-os.

FABULAS.

LIVRO SEGUNDO.

I.

O PAI DE FAMILIA.

De um consorcio feliz e abençoado
Numerosa era a prole. Entre seus filhos,
A maternal ternura se esforçava
Por tornar mais alegre essa existencia
Da criança que folga, e na ledice
Seu mundo constitue ditoso e bello.

Na sombra que no solo projectavão
Os verdes ramos de mangueira annosa,
Bem junto da mãisinha que os olhava,
Gentis meninos separados brincão.
— Um, tendo na dextra a secca rama,
Que n'um arbusto velho achou pendida,
Na terra desenhava, cuidadoso,
Um perfil que na mente se creara;
— Outro, cantando modulava alegre
N'uma voz infantil canção divina,
Que uma aragem fagueira aos céos levava;
— Este falla, declama, e após imita
A voz que ouvira no sagrado templo
As bondades narrar de um Deos clemente;
— Aquelle abria um livro, que o destino
Em suas mãos puzera, e consultando
Parece um douto de sciencia aváro:
Assim, estes e os mais da prole amada,
Livres folgando inclinações mostravão.

Da mocidade e brilho agora anima
As criancinhas d'hontem.
Pressuroso
O pai neste momento determina
Dar a seus filhos posição no mundo.
Sem consultal-os pensa, e assim decide :
— Obriga a ser pintor, quem folheára,
Contente, o livro que lhe déra o acaso ;
A estudar medicina — aquelle mesmo
Que no chão esboçára um lindo rosto ;
Faz letrado o cantor, e assim seguindo,
Qual o agricola sem cultivo e arte,
O terreno não vendo, que a semente
Antes d'elle escolhera cuidadosa,
O precioso grão além atira,
E espera no porvir mésse abundante,
— Assim elle tambem julga que um dia
Em seus filhos verá varões illustres.

D'entre os filhos, porém, esquivo um d'elles
A' vontade paterna, só impulsos
Do seu peito seguiu.
Passados tempos,
Em um templo christão contricto o povo
Ouvia a voz sagrada de um crente,
Então quasi divino.
Os outros filhos,
Já tendo os traços da viril idade,
Todos um tit'lo tem, — um pergaminho
Fal-os doutos chamar ; — porém o vulgo,
(Chamem-no ignaro embora), bem sabía
Que nas sciencias e artes que professão
A mente d'elles no vulgar rasteja.

Talvez curiosidade ou fé christã,
Velho pai, velha mãi, os proprios filhos
Ao templo conduzio.

Entrão, conhecem
O sagrado orador, que arrebatava
Numerosos fieis pasmos de ouvil-o.
O levita os contempla, e reconhece
Seus pais e seus irmãos, e d'esse throno
(E' mais que throno o pulpito sagrado)
Em meio de ovações desce, e tremendo,
— Perdão, perdão, meu pai, diz, ajoelha-se,
Filho ingrato esqueci-vos: — no meu peito
Fogo, chamma divina me mostrára,
Desde menino, o templo do Senhor,
Como o vergel formoso onde eu devia...
Interrompe-lhe o pai, e recordando
Os brincos infantis de seus filhinhos,
Beija a fronte do filho arrependido,
Abraça aquelles que contentes tinhão,
Obediencia cega lhe prestando,
Calcado d'alma inspirações sublimes.
E depois, soluçando arrependido,
Mas gosando tambem dita ineffavel,
Inspirado fallou: — Divino annuncio!
A criança em seus brincos muitas vezes
Nos diz, nos mostra, preludia, aponta
O varão que, fecundo em pensamentos,
Um dia deve illuminar os tempos!
Presciencia de Deos, eu te saudo!
Se de ideias fataes não saciada
Minha mente olvidou idéas nobres,
Arrependido estou. Erguei-vos, genio!
Meus labios te concedem o perdão,
Que ha muito o coração te havia dado.

E's pai: — véla incessante, e cuidadoso
Estuda de teu filho as vocações;
Fecunda o germem que na mente brilha,
E contempla o porvir... teu filho, eu juro,
Terá um nome que honrará teu nome!

II.

A SOMBRA DE EROSTRATO.

A sombra de Erostrato
Por Epheso passando,
Assim fallou aos povos que choravão
Sobre apagados restos
Do templo de Diana :
«Queimei do mundo antigo esse prodigio,
Meu nome eternisei».
«Terás das gerações despreso eterno,
O' louco incendiario,
Antes o olvido que um renome d'esses!...
A turba respondeu-lhe.

Os embecís, os maus que almejão gloria
Assim hão de alcançal-a !

III.

AS POMBAS N'UMA BIBLIOTHECA.

Lindas, formosas pombinhas
Um dia quizerão lêr,
E n'uma bibliotheca
Se forão entrometter.

Sem escolher os auctores,
Lerão muito, e mui contentes,
Os casos que tinhão lido
Forão contar ás ausentes.

Estas ouvindo, applaudião
Tanta anedocta bonita;
Sómente uma velha pomba
Se mostrou bastante afflicta.

As jovens vendo a velhinha
Exhalar tristes queixumes,
« Da nossa grande instrucção,
Perguntão, tendes ciumes? »

Pode ser, lhes diz a velha,
Creio mesmo que é verdade;
Porém desculpae agora
A minha severidade.

Os casos que nos contastes
Podem ser espirituosos;
Mas tem para vossa idade
Não sei que de perigosos.

Ha muitos livros, nem todos
Merecem iguaes louvores,
Lêde, lêde, minhas filhas
Os livros de bons auctores.

Ou melhor, guardai sómente
Em vossas lindas estantes,
Aquelles livros, que forem
Sublimes, edificantes.

Quando o romance, é leitura
De tanta predilecção,
Mancebos, será preciso,
Da fabula a applicação?...

IV.

OS DOUS COELHOS.

N'um laço que no caminho
Tinha feito um viandante,
Dous coelhos, pobres coitados,
Cahirão no mesmo instante.

Perto d'elles se apresenta
Logo e logo o traiçoeiro,
E lhes fez esta proposta:
«Ou a morte, ou o captiveiro».

Um coelho diz-lhe: «sou livre,
E livre quero morrer»;
Outro dice: «eu amo a vida,
Captivo quero viver».

Satisfeitos seus desejos,
Um coelho livre morreu;
Outro teve longa vida,
—No captiveiro viveu.

A maldade, as exigencias,
A força coercitiva,
Muitas vezes nos collocão
Em cruel alternativa.

Em tão triste circunstancias
(Na vida não ha peior),
Té nem se pode escolher
«*De dous males, o menor!*»

V.

O BURRO E A LOCOMOTIVA.

Wagon formoso, do progresso filho,
N'uma veloz carreira que levava,
Zombando assim fallou a pobre burro,
Que muito vagarozo
Duas feias canastras carregava.

« Dez viagens já fiz; — no mesmo ponto
Venho ainda encontrar-te, ó companheiro!
Nesse andar em que vais, quando chegares
Ao fim da tua empresa
O mundo terei visto, ó mau sendeiro! »

«Louvo muito, amiguinho, a vossa pressa,
Lhe diz o burro, que manhoso ria,
Pretendo em meu vagar chegar bem longe!
Andai, correi, voai,
Não vos quero impedir. — Até um dia.»

Onde a locomotiva? Eil–a voando,
Longo espaço percorre, oh maravilha!
Porém ouviu-se um grito, e fumo e fogo
Proclamão que expirava
Da industria moderna a bella filha!

Todos chorão seu fim tão prematuro :
Té o sendeiro maldizendo a sorte
Soluçando assim falla : « oh! pobre joven,
No meio da existencia,
Inda beijando a vida, abraça a morte! »

Para alcançar os bens que a vida encerra
Não é bom, penso assim, ter a presteza
Do ligeiro wagon dos nossos dias;
Mas do manhoso burro
Não penseis que eu applaudo a vagareza.

E dos extremos, que tão mal figuro
Nos versos que publíco, com receio
Atrevo-me a tirar esta sentença:
—Na carreira da vida
Caminha, meu leitor, n'um justo meio.

VI.

A AGUIA E O RAIO.

«Sou a maior, e sou a mais valente
D'aligera cohorte;
Me temem animaes de grande vulto;
Até me cabe em sorte
Olhar o sol no Céo! Pois bem, agora
Eu quero contemplal-o
Muito de perto,—e escalando os astros
De certo hei de tocal-o».

Assim fallou a aguia, e desprendendo
Um vôo desusado,
Além dos picos se elevou da terra.
O Céo anuviado
Mostrou-se em breve, o sol escureceu-se,
Desfez-se a tempestade.

Se enxerga novo, tenebroso cahos,
A' veloz claridade
Do fuzil que scintilla, e que sepulta
A terra em um desmaio.
Geme o Céo, treme o mar, grita o inferno,
Lá se arremeça o raio!..

A bonança succede; —alguem descobre
N'um monte derrocado,
D'essa aguia que soberba se elevára,
O corpo incinerado.

Dos soberbos o Céo desfaz zombando
Os impetos perdidos;
Da vaidade e do orgulho os vãos projectos
Assim são confundidos.

VII.

O VENTO E A POEIRA.

O Vento, sem ter medo,
Levanta em turbilhão
O pó, que estava quedo,
No seu canto dormindo em feio chão.

E lá pelas alturas
O pó julgou-se um rei,
Fazendo diabruras
Governa a todos com austera lei.

O Vento porém cessa;
O pó na terra lisa
Cahiu muito depressa;
O rico, e pobre tudo nelle pisa.

Pensei ser grande cousa,
Diz elle tristemente,
Agora assim repousa
Quem nos ares andou garbosamente!

Aquelle que se eleva
Sem merito real,
Muitas horas não leva
Na bella posição que exerce mal.

Pois logo que lhe falta
A protectora mão,
De posição bem alta
Vem, como deve, rastejar no chão!

VIII.

AS POMBAS E OS URUBUS.

Em um lindo pombal agasalhadas,
Por amor fraternal quasi ligadas
Vivião rôlas, jurutís, torquazes,
Quaes donzellas louçãs, gentis rapazes.

Eis que um dia lá vem pedir guarida
Um urubú, julgando sua vida
Entre lindas pombinhas bem guardada ;
Porém ellas, que taes! negam pousada
A um bicho que, no trage que o cobre,
Não podia passar de um bicho pobre.

Vem um outro urubú,— longe, n'um galho
Pedio a todas ellas agazalho ;
Seus respeitos depois elle protexta,
Curva-se, as pombas veem, que linda testa !
Coroada cabeça ! — e, se eu bem sei,
Entre os mais urubús elle era o rei.

Lhe dão logo pousada : é rico, é nobre,
E tudo em frente d'elle se descobre ;
Alegre se sorrindo, a tal rapina
Prova uma pomba e acha *papafina*,
Prova outra depois, não fez-lhe mal,
Jura em breve *chuxar* todo o pombal.

Negamos nossa casa, diz tremendo
Uma pomba infeliz taes cousas vendo,
Ao outro, que talvez fosse melhor
Que este infame, este vil, este traidor ;
Qual ! minha filha, diz-lhe o urubú rei,
Ha muito que nos rege a mesma lei.

Perscruta os corações, um asseiado,
Qual o sujo é ás vezes um malvado ;
Perscruta os corações, mendigo e pobre
Pode ter qual o — rico — uma alma nobre :
Dos homens as acções, nem vou mais longe,
« O habito, meu leitor, não faz o monge ».

IX.

A ROSA E A AÇUCENA.

Dice uma rosa corada
« O que vales, açucena,
Symbolisando a candura ?...
Quasi nada ».

A flôr responde agastada :
« O que vales, tu ó rosa,
Exprimindo a formosura?...
Quasi nada ».

Diz a moral assisada :
« O que vale a formosura
Sem a pureza, a virtude ?..
Nada, nada » .

X.

O SAPOTY.

Deixado sobre a relva, o sapoty,
A doçura perdeu,—seccou, morreu !

Lutando co'a mizeria, e o abandono,
Morre a virtude que feliz nasceu.

XI.

O GALLO E O CONDOR.

Em Sorata, que dos Andes
E' muito elevado pico,
Um condor por passatempo
Amolava brincando o forte bico.

Depois, olhando as planicies,
Viu algures n'um terreiro
Um pobre gallo trepado
Bem contente e alegre em seu poleiro.

O Condor de cima exclama:
«Quem pode viver no chão!
Pobre bicho, infeliz ave,
Eu tenho de ti pena e compaixão!»

O gallo sosinho canta,
E seu senhor que então passa
Lhe diz, sorrindo contente,
«Sabes, ó meu amigo, eu vou á caça».

Por este tempo descia
Lá dos altos o condor
Em busca de refeição.
Vendo-o, lhe deu um tiro o caçador.

Cahe por terra a soberana
Da cordilheira elevada,
Raivosa porque se via
Por humano poder aniquilada.

Cortão-lhe as azas, e dão-lhe
No chão humilde repouso,
E o tal caçador tranquillo
Afirma que aos mortaes nada é custoso.

Agora sem soberbia,
No mesmissimo terreiro
O condor perto do gallo
Repousa muito humilde em um poleiro.

Desta agua não beberei,
E' adagio muito antigo,
Portanto, rico, ditoso,
Não blasones, te diz, o vate amigo.

XII.

HEGÉSIAS E SEUS DISCIPULOS.

«Sem liberdade, na primeira quadra
D'esta existencia, lá se vão os dias,
E a pobre, miserrima criancinha
A padecer começa!

Agora o moço no vigor dos annos
Sente no peito mil paixões acesas!
Escravo d'ellas, inexperto, louco
Os precipicios busca.

Em breve, desgraçado, elle caminha
Macilento chorando; — a dôr, o pranto,
N'essa idade viril tens por partilha,
O' pobre humanidade!

Enfermo, inutil, procurando um braço
P'ra seus passos guiar, lá vai um homem!
Louco que poude tactear as rugas
Da morbida velhice.

Eis a vida, mortaes, do berço á tumba
Um longo fio de pezar e magoas.
Risos!... um só não tem esta existencia,
Em tanto, mil tormentos!..

Por tanto um dia a liberdade inteira
Ao homem seja dada, ao menos possa
Zombar da vida, e contemplando a morte
Sorrir ao suicidio».

Assim fallou Hegésias. Seus discip'los
Contentes de escutarem taes doutrinas
Dos labios de seu mestre, um pensador
Da seita cyrenaica;

Ou que a sua eloquencia os enlevasse,
Ou que a propria fraqueza os conduzisse,
Muitos d'elles em breve terminarão
No suicidio horrendo.

Mas, contradicção! — o *Pisithanato*
(Assim chamou-se o cyrenaico Hegésias)
Elogios tecendo ao suicidio,
Jámais suicidou-se!

Se o teu talento collocar-te um dia
Na missão nobre de instruir os homens,
Busca sempre plantar nas jovens mentes
Sanissimas doutrinas.

E se poderes praticar, honrado,
Sómente boas obras, — vai, caminha ; —
Mas outro Hegésias de utopias farto,
O' preceptor, não sejas.

XIII.

AS MOEDAS.

Um rei decretou um dia :
« Só se fabriquem moedas
De escuro, vermelho cobre» .
Ao seu rei abençoou
Tudo que foi gente pobre.

« Mas os ricos se alvoroção,
Ha barulho na cidade ;
O rei ordena ao thesouro :
« Com a maior brevidade
Circule sómente o ouro » .

« Guerra, guerra, o povo grita ! »
Vendo o rei então taes cousas,
Muito depressa ordenava :
« Circule o cobre e o ouro,
Como d'antes circulava » .

O Communismo será
(Hoje são as minhas crenças)
Talvez um sonho jocundo:
Resulta das differenças
A harmonia do mundo.

XIV.

O MYOPE E O PRESBYTA.

O myope alegre zombando
Com um presbyta, dizia:
« Fóra, fóra, só de longe
Póde ver a freguezia ».

O presbyta no mesmo troco
Bem depressa lhe bradando
Diz: «fóra, que só de perto
Póde ver quem vai passando· »

E a fabula diz agora:
Nenhum dos dous tem razão,
—Ver de perto e ver de longe,
Eis ahi a perfeição.

XV.

O HASCHISCH.

Um amigo abastado quando almeja
Em bellos sonhos ir passando a vida,
Vai o haschisch buscar, e assim consegue
Ter ineffaveis gozos.

Procedo d'outro modo, quando quero
Ter gozos ineffaveis nesta vida,
Em vez do haschisch procurar, — contente
Pratíco uma acção boa.

XVI.

O FOGUETE E O MONTE.

« Vou mais alto que tu » diz um foguete
Ao monte, que sorria,
E tambem lhe dizia :
« Porém no mesmo instante em que te elevas
Além d'uma alta serra,
Te pisão lá na terra ;
Eu me conservo nesta mesma altura ».

No foguete se vê a fôfa gloria
De alguns improvisados
Talentos desmarcados ;

E no monte se vê dos grandes genios,
A quem a fama doura,
A gloria immorredoura
Que zomba, eterna, do passar dos annos.

XVII.

O CASTOR, A FORMIGA, A ABELHA E A PREGUIÇA.

Em quanto a formiguinha no verão
Trabalhava, p'ra ter no frio inverno
A certa provisão;

O mui *sabio* castor edificava
A bella habitação, onde contente
A prole, e o alimento agasalhava;

A zunidora abelha alegre via
Os numerosos favos bem repletos
Do nectar, que lidando produzia;

Sem buscar do trabalho a nobre liça,
D'aquillo que o acaso lhe offertava
Vivia uma preguiça.

Porém o tempo passou-se,
E bem depressa acabou-se
Para a preguiça, o castor,
E a abelha e a formiga,
A quadra da nobre liga
—Enthusiasmo e vigor.—

Vem a velhice, os bichinhos
La vão buscando seus ninhos
Após activo lidar;
Mas a preguiça, coitada!
Chorava desanimada,
Não tinha com que passar!

E chorando ella dizia:
« O infortunio é meu guia,
Eu nascì para soffrer!
Ah! que se um dia o destino,
Sempre cruel e ferino,
Quizesse se condoer».

Depois a preguiça velha
Vai á formiga, á abelha
Pedir pão, e de comer;
As duas dizem: (os bichos
Tem tambem os seus caprichos),
« Vá n'outra porta bater. »

« Tome lá, se lhe consola,
Para viver esta esmola »
Lhe diz um velho castor.
E desde então a indolente,
Viveu vergonhosamente
A' custa de um bemfeitor.

Depois de vos mostrar um tal espelho,
Por ser praxe seguida, meus leitores,
Lá vai mais um conselho:
Activos trabalhai na mocidade:
Não tereis por convíva na velhice
—Cruel mendicidade.—

XVIII.

A ROSA E O BEIJA-FLOR.

N'um jardinzinho
Bem bonitinho,
Lindo voando
Um beija-flôr,
Leve tocando,
Ia libando
Uma, outra flôr.

Chegou-se á rosa,
Flôr primorosa,
Muito ligeiro
Nella tocou;
Após, fagueiro,
N'outro canteiro
Esvoaçou.

Ella zangada
Com força brada:
« Feia avezinha,
Acharás fél
N'outra florinha;
Eu, a rainha,
Só tenho mel».

« Coitada della!
Da rosa bella,
Dice zombando
O beija-flôr,
O lyrio brando
Que estou beijando
Tem mais dulçor».

O' flôr, no prado
Reinar te é dado
Como formosa;
Mas vós choraes?
O' linda rosa,
Só por vaidosa
Vos desfolhaes?!

Muito ditosa,
Bem venturosa,
A humanidade
Podia ser;
Mas a vaidade,
Triste verdade!
A faz soffrer.

XIX.

AS LUZES E A TOCHA.

Muitas luzes perguntarão
A uma tocha apagada,
O que fazes entre nós?
A tocha responde: nada.

Em brilhante discussão
Levar de bocca fechada,
E' querer ser entre luzes
Inutil tocha apagada.

FABULAS

LIVRO TERCEIRO.

I.

O PAVÃO E OUTRAS AVES.

Em um formoso dia,
Que a primavera cria,
Corrião n'um terreiro
Frangos, perús, gallinhas,
Mil outras avesinhas
Descidas do poleiro.

Mas entre as gallinaceas,
Que assim ião vivendo,
Se via um pavão lindo
Sósinho se revendo
Na cauda, que espalhava
Fulgor, brilho estupendo.

Dos ranchos um perú
Contente de assim vel-o
Lhe diz: — oh! como és bello,
O teu rival és tu!..
« Basta, diz-lhe o pavão,
Detesto a adulação ».

Um gallo admirado
De vel-o, assim proclama:
« Da nossa raça o brilho
Serás sempre chamado»;
Mas o pavão exclama:
« Já sei, tu queres milho ».

Uma gallinha pára
Ante tanta belleza:
— Pavão, diz, obra rara
Das mãos da natureza...
E o pavão que a olhava,
Lhe torna: — que villeza!

Ao ver tanta impostura
N'aquelle que gabavão,
Se falla, se murmura;
Porém nenhum queixume
Póde chegar á altura
Das suas ironias.

E do terreiro em meio
Diz o pavão soberbo:
« Sem o menor receio,
O' gente pobretona
Recebe», — e no terreiro
Lançou muito dinheiro.

Seguio-se a noite e o dia,
Sempre o pavão vivia
Das outras muitas aves
Bem longe e affastado;
« Sou rico, elle dizia,
Dos pobres respeitado».

Porém doença fera
Sua saude altera,
E magro o coitadinho
Se vio depennadinho,
Já longe o quente estio,
O pobre sentio frio.

E vai triste, infeliz
Pedir, se vendo nú,
As pennas do perú,
Tambem das outras aves,
É brando no que diz,
Tem vozes bem suaves.

Pede, supplíca, roga,
A mão ninguem lhe estende;
Injurias do passado
A muitos inda offende;
Da morte o estertor
Já sente o impostor.

E qual outr'ora, só,
No meio do terreiro,
De rojo pelo pó,
Ao expirar exclama:
« Eu morro desgraçado,
De todos desprezado. »

Quem no commum desdem,
Na indifferença ao bem,
No agonisar acerbo,
Não vê a final hora
Do pobre que outr'ora
Foi rico, e foi soberbo?!

II.

OS OSSOS.

Os ossos de um nobre se encontrárão
Com os ossos de um peão. Estando a sós,
Nas tristes solidões de um cemiterio,
Pergunta o nobre ao outro:—os teus avôs?..

« Por entre essas ossadas que embranquecem
Da lua ao clarão mostrai-me os vossos, »
Responde-lhe o plebeu. «Não os distingo,
São do nobre e plebeu iguaes os ossos.»

Nas pedras sepulchraes ainda brilhão
Dos homens a vaidade e a impostura!
Levantai-as, leitor, lêde nos ossos,
—Somos todos iguaes na sepultura!

III.

OS INSTRUMENTOS.

Em uma grande funcção,
Que um acaso reunio,
De tôdos os instrumentos
A copia maior se vio.

Depois de varios concertos
Cada instrumento gritou,
Que um era melhor que o outro,
E cada qual mais fallou.

Diz este ser bom, porque
Servia em grande funcção,
Aquelle porque servia
Em qualquer reunião.

Fallou o piano, a harpa
A rabeca, e o clarim,
O fagote, a concertina,
O violão, o flautim.

Quando a questão no seu auge
Mais agitada se achou,
Pelas quebradas dos montes
Um som grave retumbou.

« Cada um tem seu valor,
Merecimento real »
Foi o echo do que disse
O sino da cathedral.

Como estes instrumentos,
Tendo tambem seu valor,
Os homens sempre discutem
Qual delles é o melhor.

Assim viverão, té quando
Na terra, nos altos céos,
Chamando todos á contas,
Reboar a voz de Deos.

IV.

O CÃO E O TAMANDUA'

Farejando a fazenda que o rendeiro
Lhe confiára um dia,
Ia um cão, sua cauda sacudindo,
Repleto de ufania,

Eis vê na touça que crescia além
No meio d'um caminho,
Tendo no chão fendido occulta a lingua,
Tamanduá sózinho.

Pára e grita de longe: «ó bruto, ó féra,
O que buscas aqui?
Não estragues o campo prestimoso,
Retira-te d'ahi?»

«Emquanto vigilante o tecto guardas,
Diz-lhe o tamanduá,
Eu mato o insectosinho que da cana
O colmo estragará.

«As formigas que eu como, causarião
A' terra grande mal:
—Bem vês, faço um serviço, ou bruto ou féra,
A ti me julgo igual».

Foi-se o cão, e correndo elle dizia,
Ladrando sem maldade:
«Necessario ao bifolco, eis um bichinho
Bem util á herdade.»

Sem um valor qualquer nada ha no mundo:
Os grandes e os pequenos
Todos podem ser uteis, só differem
N'um pouco mais ou menos!

V.

AS FORMIGAS E O COLLEIRO.

Duas formigas provisão querendo,
P'ra visinho armazem forão correndo.
Começão a colheita
Quando os raios do sol dourão as frontes
Dos elevados montes.

E já no seu zenith
Tinha chegado o sol,
Nem ao menos, que dôr! no seu celleiro
Tinhão ellas guardado um bocadinho;
Porque lindo colleiro
No meio do caminho
Ia comendo os grãos que ellas trazião.

Uma desanimada
Parou no meio da encetada empreza;
Mas a outra seguio! Tanta afouteza
Desarma o passarinho,
Que deixou a formiga, e foi seu ninho
Pressuroso buscar.

E quando o sol se poz, no mesmo andar
A formiga constante, em seu celleiro
Todo o armazem inteiro
Já tinha bem guardado;
A outra, a que parou? Nem um bocado!

Um obstaculo, não, cincoenta, sim,
Não te demovão de um proposto fim;
Afoito trabalhando
Em um nobre labor firme, constante,
Seja tua divisa:—avante, avante!

VI.

O LYNCE E O BEMTEVI.

Vendo um lynce que seguia
Seu caminho socegado,
O bemtevi começou
A fallar com ousadia.

« Sou o rei dos passarinhos,
A qualquer hora do dia
Muito alegre nos raminhos
Sempre grito—*bem-te-vi!*

« E' este meu bello nome,
Elle indica a perspicacia
Dos meus olhos;—todo o mundo
Me prediz bello renome.

«O' lynce, pobre coitado,
Nada vês, ou vês bem pouco;
Infeliz, sempre callado,
Tu nem gritas—*mal te vi!*»

Ouvio toda a cantilena
O lynce de um olhar vivo,
« Que modestia, meu senhor,
Lhe tornou com voz serena.

«Avesinha, esse teu grito
Foi um capricho da sorte:
E' por ventura bonito
Gritar assim e não ver?!

«Tu dissestes que eu não vejo,
Fazes bem, eu não me inculco;
Vou seguindo, e por meus olhos
O teu renome desejo».

Apezar da austeridade
A que vou-me habituando,
Com pena da humanidade
Vou esta phrase escrever:

Ha *lynces*, ha *bemtevis*
Entre nós, tristes mortaes:
—Mentira—grita o orgulho,
—Verdade—a razão o diz.

VII.

OS VAGALUMES.

Nuvens caliginosas escondião,
Cobrindo o firmamento, a clara lua,
E dos insectos que de luz temião,
Um enxame nos bosques já fluctua.
Brincando os perylampos se sorrião,
« Astro, brilho da noite, a gloria é tua »,
Dice a um delles um bicho poderoso,
E o insecto ficou muito orgulhoso.

Os outros animaes vão proclamando
O louvor que dictou bicho influente;
Em breve o perylampo vai inchando,
Do seu grande valor muito sciente;
Mas as nuvens depressa se affastando
Mostrão no azul dos céos bello e luzente,
A lua, que formoza, casta e pura,
Illumina sorrindo a noite escura.

A luz do pobre insecto eclipsou-se,
Seu imperio ficou logo esquecido,
E cheio de despeito elle matou-se
Pensando no porvir ser attendido;
Porém a geração que originou-se
D'essa, que o vio brilhar, segue o partido
Dos seus avós, e negão fôfa gloria
Nos fastos registrar de sua historia.

Falso Mecenas, caprichoso acaso
A um bôbo dão foros de portento;
Coeva geração olhando o caso
Sancciona tambem esse talento;
Porém vem o porvir e finda o praso
Dos genios de precario luzimento,
Cabendo assim na terra aos falsos *Numes*
O nocturno luzir dos *Vagalumes.*

VIII.

A MANGUEIRA.

Via-se embaixo de mangueira annosa
Luzída companhia,
A's vezes de manhã, de tarde sempre.
Em breve, era n'um dia
De abrasadora calma, a trovoada
Medonha fez-se ouvir.
Treme tudo na terra;—cahe um raio:
Onde iria cahir?..
Na copada mangueira! Eil-a sem folhas,
E sem ramos. Jámais
A compañhia viu-se,—e o pobre tronco
Sosinho agora jaz!

Nos dias de abundancia e f'licidade
Mil amigos saudai:
Nos dias de infortunio,... oh! da mangueira
Na sorte meditai!

IX.

O MEL, A ABELHA E O MENINO.

Chupando o doce mel, gentil menino
Tirou tal conclusão:
—Quem produziu-te deve ter por força
Sensivel coração.—

—Fui eu que o produzi, dice uma abelha
Fingindo-se agastada,
E voando picou do innocentinho
A destra descuidada.

—Tem fel, diz o menino; e despeitado
Quiz matar a abelha,
Que de sobre o estame d'uma flôr
Dest'arte lhe aconselha:

—Te sirva esta lição pequeno homem
Em toda a tua vida;
Doces palavras muitas vezes sahem
D'uma alma corrompida.—

X.

A SORTE GRANDE.

Um amigo tirou a sorte grande!
Até então vivendo
N'um retiro, modesta, honradamente,
Os seus habitos muda.

Em um jogo feliz, em outro jogo
A f'lecidade busca;
Jogou, tudo perdeu, hoje... mendiga.

Os beijos da fortuna
Quantas vezes, meu Deos, são percursores
Dos tetricos abraços
Do opprobrio, da dôr e da mizeria?!

XI.

O MOINHO.

N'um engenho veloz, poz um mocinho
A mão, e logo o braço,
Depois o corpo todo, no moinho
Forão arrebatados!

No caminho do vicio dado um passo,
Os outros estão dados!

XII.

OS REPTIS E AS TREPADORAS.

De cobras, tartarugas e lagartos
A immensa bicharia
Descobriu em um tronco, que crescia
A se perder nos ceus,
De côres e de fórmas variadas,
As graves trepadoras assentadas.

Pobrissimos reptis
Acharão que devia
Ser cousa bem galante
Ver o mundo de cima, quem sómente,
Em triste posição,
O via cá debaixo a cada instante.

Sem saber o que fazem, (tanto pode
Nos proprios animaes a ambição!)
Se esforçam por subir
Nos ramos elevados;
Porém, pobres coitados!
Escorregando vêm ao chão cahir.

Logo se arrependêrão
Da louca tentativa;
Na queda alguns morrêrão;
Alguns se maltratarão.
Vendo tanta desgraça, as trepadoras,
Em vez de lastimar, assim fallarão:

« O' chusma de imbecis,
Desejando até nós chegar um dia,
Pagaste muito caro esta ousadia!
O' miseros reptis,
Vivendo em vossa esteira,
Arrastai-vos!— subir.!... é grande asneira! »

Agora, bons leitores,
Do conto as conclusões:
—No mundo social quando buscardes
Um bello nome, ou bellas posições,
Se horriveis decepções
Não quizerdes soffrer,
Se a tentativa um dia iniciada
Quizerdes concluir,
Antes de começar tão nobre empreza,
Vossas forças convem, convem medir.

XIII.

A ANDORINHA PREZA.

Uma andorinha deixando
As regiões elevadas,
Das inf'riores camadas
Quasi revôa no pó.

E n'uma invenção humana,
Para enleiar sempre feita,
Como voasse insuspeita
Essa coitada cahiu.

Embalde se debatendo
A pobre mais se enleiava,
E quasi não respirava
Tão apertada se viu.

Então outras andorinhas
Voando nas suas lidas,
A virão, e enternecidas
Da triste tiverão dó.

Esse barbante traidor
Por ellas viu-se atacado
Em breve foi desatado
O mau, traçoeiro nó.

Como é claro, a libertada,
Gaseando mui contente,
Agradecida e prudente
As salvadoras seguiu.

Um prosador eminente,
Neste conto verdadeiro
Vê sublime e por inteiro
Do proximo o amor se erguer.

O fabulista só ousa
Accrescentar estas linhas :
—Imitando as andorinhas
Devemos nos soccorrer.

XIV.

O ASNO E O VEADO.

Um veadinho e um asno
Quizeram se doutorar,
Feitos lá certos arranjos
Foram ambos estudar.

E quando seus estudos completaram,
Eis como os dous bichinhos se portaram :

O Asno—

Contente sorria
Sempre que podia,
De certo escaninho
Tirando uns papeis,
Mostrar aos fieis
O seu pergaminho ;

O veado, porém, modestamente,
Poucas vezes de si fallar ousava,
E o seu diploma a custo e raramente
A um ou outro amigo elle mostrava.

Qual era o mais sabio
Ninguem saber podia,
Só o tempo devia
Tal cousa esclarecer.

O tempo! ....
Esse mostrou que o veado
Sempre dizia verdades,
Int'ressantes novidades,
E nenhuma asneira dice;
Porém que o tal asnosinho,
Apezar do *pergaminho*
Dizia muita sandice!

Para muitos,
Pergaminhos talvez sejam
Patentes de illustração;
Para mim
E' fallando, é escrevendo
Que se mostra erudicção.

XV.

OS PAPAGAIOS E O MACACO.

O que vós julgaes de mim,
A dous verdes papagaios
Um macaco perguntou.
Cada um delles depressa
Deste modo se expressou :

« E's um grande nos tregeitos,
Diz o primeiro, e bichinho
Inimigo do cansaço,
Pulas, saltas, brincas, folgas,
Mas não passas de um palhaço ; »

« Tu saltas continuamente,
Diz o segundo, teus momos
Excitão a hilaridade,
Fazes tregeitos e mostras
Ter jocosa habilidade. »

Eu creio que elles dicerão
Quasi, quasi a mesma cousa ;
Mas o macaco matou
O primeiro papagaio,
E do outro amigo ficou.

Dize lá tuas verdades
Não com aberta franqueza,
Mas com doçura e amor :
O mundo está feito assim,
Vamos com elle, leitor.

XVI.

A CIFRA.

A cifra nada vale quando a sós :
Busca d'um algarismo a mão direita,
E começa a ter valor.

Como a cifra, neste mundo,
Ha gente que só tem prestimo
Ao lado d'um protector.

XVII.

O GALLO E A AGUIA.

Lá das alturas a aguia
Vendo um gallo no terreiro,
Veio descendo e lhe falla
D'um modo mui prazenteiro:

« O que tu fazes aqui?
Tens comida, casa e cama,
Tratão-te bem, anda, conta,
Teu dono como se chama? »

«Tenho tudo o que diceste,
Tudo do bom e melhor,
Sem trabalhar, deste sólo,
Como vês, sou o senhor».

« Não trabalhas, não te canças, »
Diz a aguia de repente,
« Pois amigo, eu aqui fico
Neste chão muito contente. »

« E teus montes, as alturas,
Torna o gallo admirado,
Trocas o céo, as estrellas
Por um chão enlameado?»

« Estrellas, céo, que me importão?
Gritou a aguia sorrindo,
« Eu que não quero é trabalho ; »
Deitou-se e ficou dormindo.

Quantos homens eu conheço
Que tambem podem subir,
Mas, preguiçosos, vadios,
Preferem no chão dormir.

XVIII.

O PATO DANSARINO.

O pato dice um dia :—hei de dançar ;
E depois repetiu :—eu dansarei ;
E dice umas dez vezes :—quem não dansa ?..
Viveu muito e morreu sem ter dansado !

Neste pato divulgo os bemfeitores,
Que fazem consistir em vãs promessas
Seus fofos beneficios.

XIX.

O CÃO E O MORCEGO.

« Eu velo toda a noite, e guardo a casa »,
Dizia um cão ;—responde-lhe o morcego,
«Eu velo toda a noite, e chupo o sangue
Dos animaes que dormem ! »

E como elles tambem dous homens velão
Por diversos motivos ;
— O sabio, —vela, estuda e se ennobrece !
— O ladrão,—vela, furta e mais se avilta !

XX.

O CAVALLO E A SUA PROLE.

Um cavallo cansado pelos annos
Vivia socegado ;
E, no meio da prole que o amava,
Expunha as muitas lutas que, brioso
Companheiro do homem,
Ou nos campos de Marte, ou no hypodromo,
Amigo do labor tentára afoito ;
E commemora ainda
As leguas que vencêra
Por ingremes veredas.

A prole ouvindo-o satisfeita, alegre
Olhava-o, cançado
Em sua humilde estala
Vivendo d'esses bens que em nobre lida,
Dos annos no vigor
Laborioso houvera,
E conservava ainda, egregio alumno
Da sabia economia.

Nem era só a prole
Que rendia-lhe preito;
Os outros animaes mostrando-o aos filhos
Diziam: « imitai-lhe
A forte mocidade,
Tereis igual velhice. »

Certo do que valia
E satisfeito, alegre
Do tempo que tão bem aproveitára,
O cavallo dizia:— eu sou feliz!

Escrevendo este conto, a minha penna
Esboçaria acaso
A velhice da honra e a do trabalho?!

FABULAS

LIVRO QUARTO.

I.

OS TRES MENDIGOS.

No meio d'uma estrada
Dizia um homem pobre:
« O' Viandante cobre
Minha nudez;
Preciso d'agua e pão,—eu já não como
Ha mais de mez! »
E a rastos pelo chão atropelava
Aquelle que passava.

No meio d'uma estrada
Dizia outro mendigo:
« Olá, senhor amigo,
Venha fallar comigo,
Mas traga-me dinheiro,
Porque o homem rico, o homem nobre
Deve dar de comer á gente pobre. »

No meio d'uma estrada
Dizia um homem calvo:
« Eu fui, eu sou o alvo
Da dôr e da desgraça,
E vindo pedir graça
Pr'a mim e para os meus,
A's almas bemfazejas
Peço uma esmola pelo amor de Deos ».

O terceiro mendigo, me dicerão,
Tirou maior esmola que o primeiro,
E ao segundo nenhum bem fizerão,
Porque?..

Porque o pobre soberbo
Cauza raiva, causa tedio;
Porque é um mal acerbo,
Sem alivio, sem remedio,
Ser pobre, ser mentiroso,
Ser um vil adulador;
Porque é nobre, é honroso,
Supplicando a um bemfeitor
O obolo da caridade,
Supplicar com dignidade.

II.

O ENCYCLOPEDICO.

— Eu sei varias sciencias;
Porém melhor eu sei
A sã philosophia,
Biblos me dice; mas depois pensando
Sem mais nem menos foi assim fallando:
— Sei todas igualmente,
Sou o encyclopedico,
O sabio mais profundo;
E, contente do que me tinha dito,
Calou-se. Eu escrevi logo este escrito:

D'este encyclopedico
Nós homens todos temos
A mesmissima sorte:
Quando a razão nos diz uma verdade
Nos prega dez mentiras a vaidade.

III.

A PREGUIÇA.

Vio nascer a manhã e socegada
Inda a preguiça fica recostada;
Ouvio dar meio dia, então bradou:
—Logo mais me levanto e se deitou.
Vio a tarde chegar pura e louçã,
—Hoje não trabalhei, mas amanhã.....
Diz ella, e depressa adormecendo
Nem percebe que vai anoitecendo!

Menino, se este bicho te revolta,
Vê que o tempo, que passa, atraz não volta.

IV.

OS IRERÊS E A TARTARUGA.

De um rio, em que estava se banhando
A grande tartaruga, se aproximão
Dous lindos irerês, que vão fallando.

Diz um:
« O' linda flôr, princeza deste rio,
Nayade formoza, nestas aguas
Quero banhar-me, e a prece vos envio. »

Diz outro:
« Banhar-me neste rio desejei,
Reptil nadador, dais-me licença?
Eu a vosso favor grato serei. »

Agora,
Qual foi ô mais feliz, sabes leitor?
Me dizem que o segundo, e que ao primeiro
O chelonio chamou de adulador.

Se acaso
Os monarchas, os reis de uma nação
Se portassem assim,—grandes e aulicos
Detestavão, é certo, a adulação.

V.

OS DOUS MOLOSSOS.

Dous cães, ambos de raça, ambos valentes,
Vierão habitar n'um só paiz;
Mas em sua conducta differentes,
Eu vou d'elles contar o que se diz.

Um era serviçal; bom e fagueiro
Comia a presa que qualquer lhe dava;
Não consta que mordesse um caminheiro,
Só vendo um inimigo elle ladrava.

Outro, sempre latindo, se nutria
Dos furtos que sósinho ia fazendo;
Amigos não buscando, elle vivia
Ora aqui, ora ali, fero mordendo.

Mas o tempo caminha, e a velha idade
Para elles chegou, nem mais prosigo...
Os pobres cães sem força e liberdade
Procuravão chorando um triste abrigo.

Acha o primeiro cão boa guarida
E meza e amigos,—nem buscara tanto;
Mas o segundo pede, e nem comida
E nem casa lhe dão,—morre n'um canto.

E's livre, muito embora, julga, pensa
Que um ente, uma visão teus passos tolhe,
Não pratiques o mal, lembra a sentença:
« Quem abrolhos semeia, espinhos colhe! »

VI.

AS MILESIANAS.

Ha tempos, dizem, de Mileto as filhas
Chegando a quadra de amor,
Pobres moças! se matavão,
Seria prazer, ou dôr?.....

Nada fazia demover tal crime!
Cada dia se augmentavão
As victimas;— muitas moças
Suas vidas terminavão.

« Achaes aqui doce nectar
Que faz, lhe diz um terceiro,
Julgar pouco o mundo inteiro
Para os delyrios da vida,
Vinde dormir uma vez
O somno da embriaguez. »

E quando estes se callarão,
E depois que outros fallarão,
O viajor só pensava
A qual devia seguir,
—Queria tudo fruir,
Porém, ai delle, hesitava.

Tendes aqui um abrigo,
Lhe diz entretanto um velho,
Onde se estuda e trabalha,
Onde ouvireis bom conselho...
O velho não concluiu,
O viajor o següiu.

Ao entrares neste mundo
Inexperta mocidade,
Das paixões, do vicio immundo
Mil embates soffrerás!
Luta, luta, um bello escudo,
Encontrarás no estudo.

IX.

O BASILISCO E OS POVOS.

O basilisco dice uma vez
A todo o povo de linda aldeia:
Para matar-vos, só basta olhar-vos;
—O povo morre com tal ideia.

O basilisco dice outra vez
A todo o povo d'uma cidade:
Para matar-vos, só basta olhar-vos;
—O povo riu-se da novidade.

No basilisco daguereotypo
A impostura d'um charlataõ;
—D'um povo mostro a credulidade;
—D'outro sómente a illustração.

X.

O SABIÁ E O PAVÃO.

Porque dos sabiás não tenho o canto?
Diz chorando o pavão;
Porque a plumagem dos pavões não tenho?
Bradou o sabiá;

Porque Deos, sabio, repartiu prudente
As cousas com justiça:
Bem poucas vezes o talento vê-se
Ao pé da formosura.

XI.

O BOTÃO E A FLOR.

« Em breve vai desfazer-se
Mui terrivel tempestade,
Eu peço, por amizade,
Que o botão queira esconder-se,
Afim de que não morra em seu verdor: »
Assim, junto ao botão, fallava a flor.

« Minha flôr, s'tás caducando,
Diz sorrindo o botãosinho,
Pois um céo tão limposinho
Póde a chuva estar guardando ?..
Tempestade ! meu Deos, é illusão,
S'tás cega, minha flôr, grita o botão. »

Depressa a flôr escondeu-se
Em um galho bem copado ;
E o botão muito assustado
Viu que o céo escureceu-se.
Procurou se occultar ;— mas, triste sorte !
A chuva o derrubou, toucou-lhe a morte.

Vê sempre bellos verdores
A moça leviandade ;
Mas a velha gravidade
Divulga trevas, horrores !
O' moços, dareis provas de sciencia,
Dos velhos escutando a experiencia.

XII.

AS GIRAFAS E AS GALLINHAS.

As gigantescas girafas,
Encontrando umas gallinhas,
Rindo-se muito, dicerão:
« Que valeis pobres cousinhas? »

As gallinhas responderão
Rindo-se, mas de contentes,
« Nós servimos de alimento
Tanto aos sãos, como aos doentes.

Valemos mais do que vós
Gigantescos animaes,
Cujas carnes aos doentes
Seráõ prejudiciaes. »

Em tristes occasiões,
Em momentos arriscados,
Os pequenos valem mais
Do que certos potentados.

XIII.

OS DOUS THIÉS.

« Eu desejo uma gaiola
Que seja da arte um primor; »
« Desejo os troncos ramosos
Feitos por Nosso Senhor: »
Assim dous thiés
Cantarão n'um galho.

Satisfeitos seus desejos,
Um na gaiola cantou,
Outro teve lindos ramos
Onde alegre gorgeou.

Mas a sorte d'elles
Como foi diversa!
O da gaiola, coitado,
Entisicou e morreu;
O dos ramos, foi, me dizem,
O thié que mais viveu.

Das lidas premissas
Posso concluir:
Além do justo e honesto
Do que servem ambições?...
Muitos morrem por sahir
Das marcadas condições.

XIV.

OS CYSNES E OS GANSOS.

O lago, cujas aguas retalhavão
Bellos cysnes e gansos, que passavão
Os dias socegados,
Seccou.

E os gansos, coitados!
Sem agua ficando,
Ficarão gritando.

Nessa grita infernal, desesperados,
Se forão finando.

E os cysnes chorando
Humildes pedirão
Ao céo doces aguas,
E as chuvas cahirão!
Por fim não sentirão
A falta do lago,
— Dous lagos surgirão!

E os cysnes orgulhosos,
Dos remansos que as chuvas construirão,
Vão airosos
As aguas retalhando.

Nos crueis transes da vida
Deixa teu pranto correr,
Reverente a Deos supplica
Que te venha soccorrer.

Que vale nesses momentos
Dentro d'alma revolver
Os ferros da tua dôr?
Chora;
Chora porque
« O pranto dulcifica as dores d'alma,
E a briza sussurrando o leva em calma
Aos pés do Creador. »

XV.

A CAIXINHA DE JOIAS.

Na vidraça d'uma loja,
Entre joias de valor,
Se via rude caixinha
Sem artistico lavor.

Feixada, ninguem faz cazo
D'uma caixa de madeira;
Assim se passarão annos,
E a caixa na prateleira.

Finalmente uma senhora
Quiz vê-la,—fez-se a vontade ;
Ei-la aberta, correm todos
Para vêr, ... que novidade?...

A tal caixinha de pau
Encerrava diamantes!...
Era uma caixa de joias,
Já não é o que era d'antes!

Os homens amão, adorão
As cousas que dão na vista,
Embora trinta mil vezes
Nenhum valor lhes assista.

Por isso o mundo se curva
Aos tit'los, ás distincções,
E despreza quasi sempre
Os homens sem pretenções,

Que modestamente occultão
Virtudes, dotes brilhantes,
Como a caixinha de pau
Occultava os diamantes.

XVI.

O ESPELHO.

Um selvagem lançou no frio chão
A pequenino espelho,
Cujos usos saber buscara em vão.

Linda moça o achou,—ó apparelho
Precioso—,diz ella ;
E logo arranja a desgrenhada trança.
Ficando muito bella,
Este espelho guardou como lembrança.

Lê umas fabulas,— não as entende
Um grande sabichão ;
Logo as lançou ao chão.
Um homem de algum senso as comprehende;
Guardou-as com cuidado :
Isto, muito me tem lisongeado.

XVII.

O GUARAZ E OS URUBUS.

« Branco, cinzento, vermelho,
Como és formozo, ó guaraz !
Das aguas no puro espelho
Com orgulho te verás ! »
Dizião dous urubús
De pennas bastante nús.

« As pennas brancas, singellas,
Diz um delles, vou busca-las » ;
« As escarlates, tão bellas,
Torna o outro, vou tira-las. »
Dito e feito. — Os atrevidos
'Stão bellamente vestidos.

Mas os animaes conhecem
Os estranhos empennados!
Dos urubús escarnecem,
Muito soffrem os coitados.
O guaraz diz: — que lição
Custou-lhes a imitação! —

Poeta cheio de ardores
E's o guaraz do meu conto;
Máos e vís imitadores,
O' *rhapsodes* que eu affronto,
Quereis ao conto ter jus?..
Ficai sendo os urubús.

XVIII.

A COMPANHEIRA DO CHRISTÃO.

Em casa sem aspectos de opulencia
Um velho achou-se morto.

Se lia em sua face
Em venturoso enlace,
— Um rizo esperancoso,
Prazer, tranquillidade,
No candido repouso
Signaes de f'licidade.

Muitos pensarão que o ancião tivesse
Adormecido apenas.

Procurarão-lhe a riqueza:—
Sómente sobre a meza
Um livro santo viu-se,
Uns restos de estamenha,
Mais nada descobriu-se
Além desta resenha.

Com quem vivia o pobre sacerdote?
A turba perguntou.

« Comigo em santa liga,
Dice uma voz amiga,
Vivia o bom christão
Ha mais de meia idade,
Em sua adoração
Chamou-me a — Caridade. »

A multidão se curva respeitosa,
O morto se sorrio.

Sectarios do Evangelho
Ouvi o meu conselho :
—Vossa alma se condôa
Da mizera orphandade,
Fazei uma acção bôa
Amai a Caridade,
A mais bella, a mais santa, a mais sublime
Das virtudes chistãs!

XIX.

O AR E O LIVRO.

« Sem mim o corpo poderá viver? »
—Do mundo a cousa mais precisa eu sou—,
O ar dizia ;— e uma peste havendo,—
Só n'elle as causas a sciencia achou.

« Alma precisas de alimento e vida ? »
—Sou eu sómente quem te póde dar,—
Dizia um livro ;— e o sceptecismo grassa,—
N'um livro a causa poude o sabio achar.

O ar é util, necessario ao corpo,
Tendo os principios que a sciencia ensina ;
Um livro é util, necessario á alma,
Contendo exemplos d'uma sã doutrina.

FABULAS

LIVRO QUINTO.

I.

O MELRO E O SAHI.

«Os montes, os bosques, os rios, os mares
Da terra onde estou
São altos, frondozos, correntes, extensos,
Só Deos os creou.»
De sobre o carvalho de densa folhagem
O melro cantou.

« As veigas, os lucos, regatos, collinas
De aonde eu nasci,
São bellas, são densos, são claros, são doces
Como elles não vi.»
De sobre a mangueira copada, viçosa
Cantou o sahi.

Os dous passarinhos da patria querida
Ouvindo fallar,
Um canta :— meu ninho de tudo que é bello
Possue um altar ;
—Meu ninho, do bello, já outro celebra,
E' puro alcaçar.

Os quebros, trinados, gorgeios, gemidos
Já vão se esgotar;
As aves tremerão;— voando, nos ares
Estão a lutar;

Cançadas da luta, nos troncos da patria
Lá vão descançar.

Se os lindos viventes aos quaes o destino
Negou a razão,
Por causa da patria, lutando valentes,
Se erguerão do chão,
Mortaes, a quem fallo, da patria o amor
Tomai por brazão!

II.

O MICROSCOPIO E O TELESCOPIO

Dice o microscopio ao telescopio:
« E's dos astros senhor,
Sua grandeza augmentas
Seu brilho, seu explendor. »

O telescopio dice ao microscopio:
« Os atomos conheces,
As cousas pequeninas
Como tu engrandeces.

Conscios de seu valor ambos se abração;
Orgulhosos, ufanos,
« Nós somos, elles bradão,
Factura dos humanos! »

Transumpto da divina intelligencia,
O' homens vos mostraes,
Em obras tão sublimes,
Em artificios taes!

III.

O LAGARTO E O JARDINEIRO.

Chorava o jardineiro vendo os raios
Do sol crestando a roza
Por elle cultivada.

O lagarto sorria ao aquecer-se
Nos vividos reflexos
Da luz brilhante que illumina a terra.

Eis o mundo:—mil vezes uma causa
Produz effeitos varios,
E uns chorão, quando outros
Passão os dias no prazer immersos!

IV.

OS DOUS LADRÕES.

« Tenho sempre roubado ao homem rico: »
Ante um jury um ladrão assim dizia.
Foi logo perdoado.

« Não conheço ninguem, a todos roubo : »
Dice um outro ladrão no mesmo jury.
Condemnado sahiu.

Aggravaõ, attenuão certos crimes,
Circumstancias, eu sei, e até applaudo
Da lei a previdencia ;
Mas sob a capa de andrajosos restos,
Ou sob o manto de fulgentes cores,
O crime, é sempre crime!

V.

O CABORÉ E O CONDOR.

O Caboré no ramo
D'um tronco está gritando,
Lhe vão logo cercando
Milhões de passarinhos,
Deixando os caros ninhos.

Depois que viu completa
A alada comitiva,
Olhou com vista altiva:
Procura quem seria
A victima do dia.

Escolhe. As outras aves
Exhalão mil suspiros,
E buscão seus retiros.
No tronco, só, em pé,
Dizia o caboré.

« Grito e logo tenho
Volatil criação
P'ra minha refeição!
Poder igual quem tem?
Oh! sobre mim, ninguem. »

E bem não acabava
Sentiu-se ao ar erguido:
— Quem é o atrevido?
Quem é o impostor?..
— Sou eu, diz um condor.

« Sou eu, que te escutei
O fallar orgulhoso,
E sendo mais forçoso
Pretendo d'alta serra
Lançar-te, assim, na terra »

Lá vem por esses ares
O caboré, coitado!
Morrendo esmigalhado
Dizia, com que dôr!
— Que sou, ante o condor?!

A este excedes hoje
Em força, intelligencia;
Aquelle, é de experiencia,
Te excederá n'um dia!
Que vale a soberbia?...

VI.

AMANHÃ.

Tomara já vêr
De novo a aurora,
Feliz, feliz hora
Que eu folgo brincar;
Terei mais prazeres,
Maiores que os d'hoje ;

A noite já foge
Eu vou madrugar:
Assim linda moça
Sorria louçã
Gritando :— *amanhã!*

O' noite, demora
O dia futuro;
Cruel viver duro
Que vale passar!
A vida é flagello;
Pezares e dôres
Fataes amargores
Se vive a tragar:
Assim uma velha
Na prece christã
Gritava :— *amanhã!*

Esp'ranças fagueiras,
Crueis desenganos
Separão os annos!
O moço só vive
Creando fulgores,
O velho em horrores
Só vive a pensar:
Do *moço* e do *velho*
Que diverso afan
No grito :— *amanhã!*

VII.

O ENCONTRO E O ROUXINOL.

N'uma longiqua excursão,
Té o sólo das palmeiras
Veio ter um rouxinol,
E suas vozes fagueiras
Saúdão brazileo sol.

Por este tempo um encontro,
Da terra senhor e dono,
Principiou a cantar,
Vendo o sol no excelso throno
Orgulhoso despontar.

Escutando-o, estremeceu
O rouxinol decantado,
Elle, o rei da melodia,
Exclama :— quem quer ousado
Igualar-me em harmonia?

E o encontro, cujo canto
Mas d'uma vez cativou
O Caheté, o Tupi,
Fóra de si exclamou :
—Quem ousa cantar aqui?

Depois afoutos trinarão
Desconhecidas canções!
Cada qual mais terno e brando,
Nos humanos corações
Vão harmonias deixando.

Mas os lindos passarinhos,
Em seus brios esforçados,
Nessa lucta decorosa,
Encontrarão, esfalfados,
Uma morte gloriosa!

Me extasia a vossa sorte,
Gentis, alados cantores,
Pois nella minha razão
Vio brilhar em seus ardores
—A sublime emulação!

VIII.

OS MENINOS DE SPARTA.

Continuos exercicios, e o descanço
Sobre grosseira cama,
A reifeição frugal, concisa a frase,—
Assim se comportavão
Os meninos de Sparta;— pois Lycurgo,
Legislador prudente,
Vio que a fama do paiz estava
Na militar grandeza!
E querendo guerreiros, fez soldados
Os filhos da republica.

Dai ao adolescente a quem educas
As bases, os principios
Da futura missão que exercer deve.

IX.

DIBUTADA.

« Na sombra projectada
Na proxima parede,
Lembrei-me um dia de traçar o rosto
De meu querido amante, »
Diz Dibutada, e logo vi nascer
Essa arte que mais tarde
Sanzio e Miguel Angelo sublimarão.

Dos pobres contos que sem arte escrevo
Hão de nascer um dia
Apologos brilhantes!
Que eu possa ao lel-os, orgulhoso, ufano
Saudar em minha terra o fabulista
Rival de Lafontaine.

X.

OS DOUS LEITOS.

Sobre a grosseira, rude maca
Delio repousa socegado,
Seu leito, jamais invejado,
Era a muda scena d'um somno
Doce, tranquillo.

Na mesma noite dormitava
Sobre um assetinado leito
Fuas, cujo cançado peito
Em ancias mil se debatia
Amargurado.

Indagando depois eu soube:
— Delio muito pobre vivia,
Porém sempre que elle podia
Dava uma esmola a outro pobre
Mais precizado.

— E Fuas, poderozo e rico,
Tinha escolhido por phanal,
Aos outros homens fazer mal;
Sem aos pobres dar uma esmola,
Os perseguia.

Vendo estes dous homens assim,
Sendo um tão rico, outro tão pobre,
Minha razão triste descobre
— Que a fortuna não sabe vêr
Seus escolhidos.

Mas no somno tranquillo de um,
E do outro no somno agitado,
Eu vi lá do céo contemplado
— O virtuoso e o criminoso
Por Deos, que é justo!

XI.

O SAGUIM E O GATURAMO.

Na palmeira empoleirado
Um gaturamo cantava
Ora brando, terno e meigo,
Ora mais alto chilrava.

E continúa imitando
A mui lindos passarinhos
Que no sólo das palmeiras
Tem seus pais, e tem seus ninhos.

Um saguim que d'um coqueiro
Os cocos ia quebrando
Ouvindo-o, dice sorrindo:
Sempre canta — *arremedando!*

E depois continuou
A quebrar os seus coquinhos,
Simula gestos humanos,
Imita a muitos bichinhos.

Coça-se, faz mil tregeitos;
E o gaturamo zombando
Diz:—que bicho! nesta lida
Sempre vive— *arremedando!*

Artista, sabio, poeta,
Tens um critico mordaz,
Que mesmo o que fôr perfeito
Jámais achará capaz.

E aquelle que assim te piza,
Que te moe, que te atormenta,
Usa e gasta em seu trabalho
Tua mesma ferramenta.

XII.

OS TRES CASTORES.

Deixando os gozos da commum morada,
Onde tinhão passado alegres dias,
Cubiçosos de gloria e nomeada,
Enchendo de illusões a phantasia,
No que devem fazer tendo convindo
Tres castores assim vão-se partindo.

Este busca os sertões. — Nessas devezas,
Do solo em que nascêra, não cuidadas,
Julgou dever achar grandes riquezas,
Por juizo de alguem jámais pensadas.
Começa a trabalhar;— da sua terra
Valiosos thesouros desenterra.

Sabendo aquelle que era grande o solo,
Onde vira do sol o raio ardente,
E só tendo p'ra si almo consolo
Quando estudando cultivava a mente,
Vai sósinho encetar a nobre empreza
Das artes reunir á natureza.

Deixa o terceiro as plagas dos avós;
E querendo um saber grande, profundo,
Por instantes rompendo os doces nós
Que o prendião ainda ao novo mundo,
Procurando um baixel, que acaso tópa,
Vai buscar instrucção na culta Europa.

Já em torno do sol umas tres vezes
A terra em revol'ção fizera o gyro;
Decorrerão tres annos e alguns mezes,
Quando os castores vem ao seu retiro.
E um após outro vão assim fallando,
Em roda os animaes os escutando.

« E' rica nossa terra, diz primeiro
Aquelle que buscára o solo inculto,
O diamante vi, terreo luzeiro,
O oiro vi tambem, arvores de vulto;
—A virgem natureza, o chão informe,
Só elles nos darão riqueza enorme. »

O segundo castor falla animado:
« Sobre a terra, ou nas suas profundezas,
Este solo feliz e abençoado
Possue immensas, collossaes riquezas;
Mas vendo a natureza em toda a parte,
Eu busquei sublimal-a, unindo-a á arte. »

Falla o ultimo entaõ: « nesta cidade,
Diz elle horrorisado, ninguem vive;
Em nossa habitação, quanta humidade!
Eu soffro neste clima; — aonde estive,
Lá se póde viver; — que mal eu fiz
Em Londres não ficar, ou em Paris! »

E a turba, que os dous outros escutára
Sem dar muita attenção, zombando e rindo,
Do distincto castor, que então fallára,
Tão brilhante discurso alfim ouvindo,
Pasma, fóra de si, tal brado lança:
—Bravo, viva o castor que vem de França!

Quem das cousas da patria tem sciencia,
Esqueça, por momento, os tres castores,
E dando a homens tres a preferencia
Os faça, é natural, os falladores;
E verá, que, apezar de mal mandado,
E' facil receber o meu recado!

XIII.

AS LARANGEIRAS.

De grande larangeira que brotava
Em todo o anno o fructo adocicado
Ao paladar tão grato,
Tirou-se um ramo e plantou-se,
Nasceu outra larangeira,
Que só deu fructos azedos,
Bem diversos da primeira.
A larangeira nova vendo o culto
Que á velha tributavão, tambem pede
Adorações iguaes.
Mas não houve quem lhe desse
Um só louvor em partilha,
Todos dizem, —de tal mãi
Tu não pareces a filha!

Das honras que alcançou um pai illustre
E' digno tão sómente aquelle filho
Que bem sabe imital-o.

XIV.

O MAR E O TRONCO.

Um grande tronco
Lançado ao mar,
Era levado
Na praiamar,
Era empurrado
Na baixamar,
E em movimento
Não descançava
Um só momento.

O mundo é grande mar,—nós, pobres troncos!
Nelle lançados,
Vivemos sempre
Preoccupados.

XV.

O TIGRE BEMFAZEJO.

Um tigre era o temor
De misera manada,
Que cheia de terror
Vivia agasalhada,
Temendo um tal senhor.

Depois dobrado o susto
Por causa da matança,
Que sem o menor custo,
Na pobre visinhança
Fazia o tigre adusto.

Em cada nova aurora
Do numeroso bando,
Um hontem, outro agora,
Lá se ião escapando
Sem a menor demora.

O tigre compre'ndendo
Que a util refeição
Iria assim perdendo,
Sublime mutação
Foi logo em si fazendo.

Começa por tornar-se
Mais doce nos costumes,
De sangue saciar-se
Não quer, e aos queixumes
Já folga de abrandar-se.

Não mais qual d'antes era,
Bem junto dos cordeiros
Tão execranda féra,
Com ares prazenteiros
A voz assim tempera:

« Contente vos offerto
Soccorro e amizade »
Logo o rebanho incerto,
Ao vêr tanta bondade
Ficou boquiaberto.

Ao depois o abraçando
Aceitão seu favor ;
E o tigre *terno e brando*,
Ficou o protector
Do numeroso bando.

Lhes dá milho e capim
Com prodiga fartura ;
« Chegaste-vos a mim,
Dizia, — que gordura !
Jámais vos vi assim ! »

Porém, quando julgou-se
Bemquisto, e admirado,
E quando acreditou-se
De todos estimado,
O tigre transformou-se.

E nesses innocentes
Por elle agasalhados.
Meteu unhas e dentes,
E bem despedaçados
Os come ainda quentes.

Depois com duplo afan
Nutrindo os pobres hoje,
Comia-os amanhã ;
Nenhum, nenhum lhe foge
A vida é-lhes louçã.

E a féra sem ter pejo
Da immolaçaõ acclama—
Sublime— o negro ensejo :
Que importa ?— já tem fama
De tigre bemfazejo.

Como o marchante faz,
Que nutre as magras rezes,
As deixa em santa paz,
Pois sabe que, dez vezes,
Pingues, valerão mais.

No mundo ha muita gente
Que faz um beneficio,
Para que impunemente
N'um torpe maleficio
Lucre dobradamente.

E bem que a taes favores
Zumbaias alguns fação,
Alguns tecão louvores,
Taes homens,— oh !, não passão
De tigres bemfeitores.

XVI.

A IMPERFECTIBILIDADE HUMANA.

No primeiro existir da especie humana,
No seculo primitivo,
Um homem, de crear obra perfeita
Teve o pensar altivo.

Creou-a bella; mas os outros homens
Lhe marcão os deffeitos;
Mas por isso ninguem negou ao genio
As honras, os respeitos.

Igual a este seculo, os outros seculos
Tem tido iguaes ardores,
— Homens se tem erguido, artes, sciencias
Tem tido habeis cultores.

Porém dos genios as creações, (que pena,
Que pena tão insana!)
Trazem todas, meu Deos, terrivel sello:
— Imperfeição humana! —.

Honra e gloria ao pensar dos grandes homens,
Honra aos trabalhos seus,
Imperfeitos, que importa? — a perfeição
Pertence só a Deos!

XVII.

O PANTHEON.

— Ahi vivemos nos tempos passados, —
Dizião as imagens
Dos deoses soberanos,
Olhando o Pantheon que Aggripina outr'ora
Tinha em honra de um deos edificado.

— Ahi vivemos nos coevos tempos —
Dizem os grandes homens
Da França portentosa,
Vendo o templo que a Revol'ção tornou
Abrigo immorredouro
Dos grandes homens que a nação illustrão.

Vós que me lêdes, mocidade amiga,
Tenhaes um só esforço,
Um unico desejo:—
Ennobrecer a terra, que um acaso
A Cabral offertou,
Para que no Pantheon do Brazil futuro
Se possa um dia lêr:
Dos grandes homens á memoria illustre
A patria agradecida.

EPILOGO.

Ainda moço, das paixões na quadra,
Conselhos precisando, eu quiz, vaidoso,
Aconselhar as turbas.

E tomando os heroes do velho Esopo,
De Seeling, de Yriarte, concedi-lhes
O gozo da palavra.

Como os meus mestres, dos narrados contos
Procurei conclusões tirar que fossem
Uteis, proveitosas.

E conclui o livro cujas paginas
Tu vens de folhear, leitor amigo.
Agora, um só pedido.

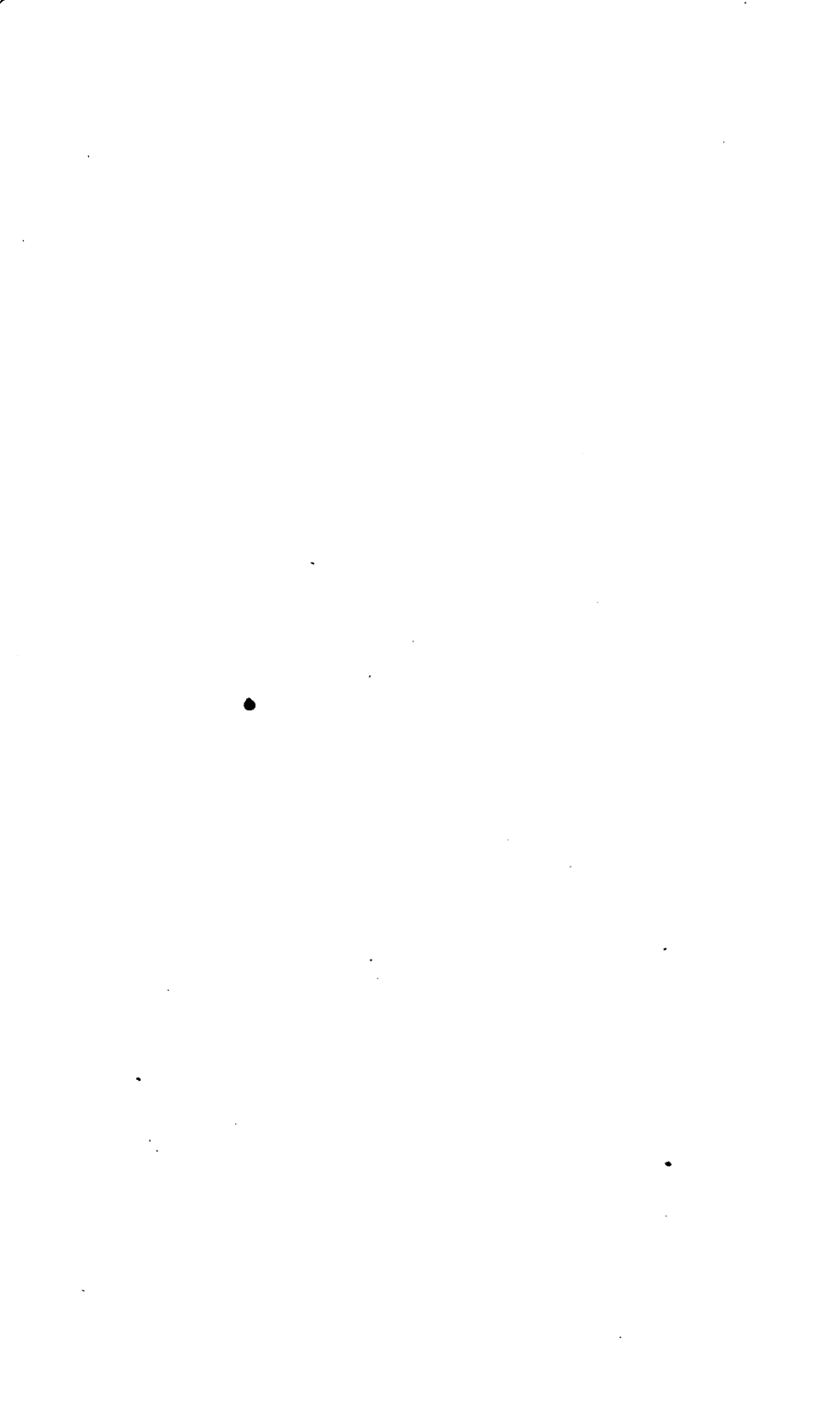
Se uma ideia feliz, se um pensamento,
Novo não digo, mas com tino e graça
Bellamente imitado,

Se um salutar conselho, um são principio,
Uma doutrina cuja base firme,
O tempo não derruba,

Se laivos de sentimento e poesia
Em balde procuraste, e tristemente
Meu livro depuzeste,

Bondadoso leitor, busca esquecer-te
Das horas de pézar que te causou
O novel escritor.

Mas não olvides, a intenção sublime
Que teve em mente, ao escrever seus contos,
O pobre fabulista.

Rio, Dezembro de 1858.

NOTAS.

1854—1858.

E' claro que neste periodo não escrevemos o limitado numero de fabulas que ora publicamos; mas, acreditando que este livro póde ser de alguma utilidade ás escolas, deixamos de enserir nelle todas as fabulas que não nos parecêrão proprias ás intelligencias infantis. Se esta primeira tentativa não fôr um esforço baldado, e publicarmos uma *segunda collecção*, reuniremos então todas as fabulas que até hoje temos escrito.

O BURRO E SEU SENHOR. Pag. 12.

In principatu commutando civium
Nil prœter domini nomen mutant pauperes.

Esta moralidade de Phedro não nos pareceu ditada por um espirito imparcial e recto: por isso, imitando-lhe a fabula —Asinus ad Senem Pastorem,— julgamos conveniente modificar sua invenção e sua moralidade.

O CAVALLO E O INSECTO. Pag. 16.

« A fortuna faz de um louco um potentado, como o sol no horisonte confere a um anão a sombra de um gigante. » Paraphaseando este bello pensamento do sabio Marquez de Maricá escrevemos a moralidade desta fabula.

HEGESIAS E SEUS DISCIPULOS. Pag. 34.

Pisithanato (o que aconselha á morte) foi o cogonome de Hegesias, porquanto, afirmando que era vantajoso morrer, sustentava suas doutrinas com tanta eloquencia, que muitos dos seus discipulos se suicidarão. Por este motivo, diz Cicero, o rei Ptolomeu o obrigou a fechar a sua escola. Apezar do desgosto que Hegesias sentia ou *fingia sentir* pela vida, não consta dos historiadores que elle tentasse contra seus dias.

O HASCHISCH. Pag 38.

Os Arabes chamão *Haschisch, erva,* ao canamo indiano que é cultivado no alto Egipto. O conhecido romance de Dumas, o *Conde de Monte Christo*, tem bellamente patenteado a sorte de embriaguez que esta substancia produz. Cumpre todavia notar, com o Sr. Bouchardat, que o Haschisch, empregado habitualmente, embrutece a especie humana.

A ANDORINHA PREZA. Pag. 57.

Dupont de Nemours, escritor francez (nascido em 1793, morto em 1817) conta que uma andorinha embaraçando-se em um barbante, muitas outras reunirão-se, e com bicadas desatarão o nó. *Um facto* é pois o assumpto da presente *fabula*.

AS MILISIANAS. Pag. 69.

Houve um tempo em que as moças de Mileto, chegando á idade da puberdade, matavão-se. Depois de varias tentativas para reprimir tão horrivel loucura, decretou-se que a primeira que se matasse fosse exposta nua na praça publica! Nenhuma quiz affrontar esta vergonha, mesmo depois da morte, e os suicidios cessarão. E' ainda um *facto* servindo de assumpto a uma *fabula*.

OS CYSNES E OS GANSOS. Pag. 76.

Os bellos versos com que terminamos esta fabula são do Sr. Bittencourt Sampaio, na sua delicada poesia —*Tarde de Verão,* publicada na 1ª Serie das— Harmonias Brasileiras.

O CABORÉ E O CONDOR. Pag. 86.

Contarão-nos que o Caboré, pequena ave de rapina (*scops crucigera*) trepado em cima d'uma arvore chama a seu modo os passarinhos, que, collocados na arvore em que está o caboré, só retirão-se quando este tem escolhido a sua victima! Posto que habitos mui singulares se notem na vida de certos animaes, se escrevessemos um livro de zoologia

seriamos mais cautelosos em referir este facto ; mas escrevemos um livro de fabulas, e por isso contamos como nos contarão.

DIBUTADA. Pag. 91.

Donzella Licyone ou de Corintho traçou, sobre a sombra projectada pela luz de uma lampada na parede, o perfil de seu amante. Este simples acontecimento foi a origem da pintura.

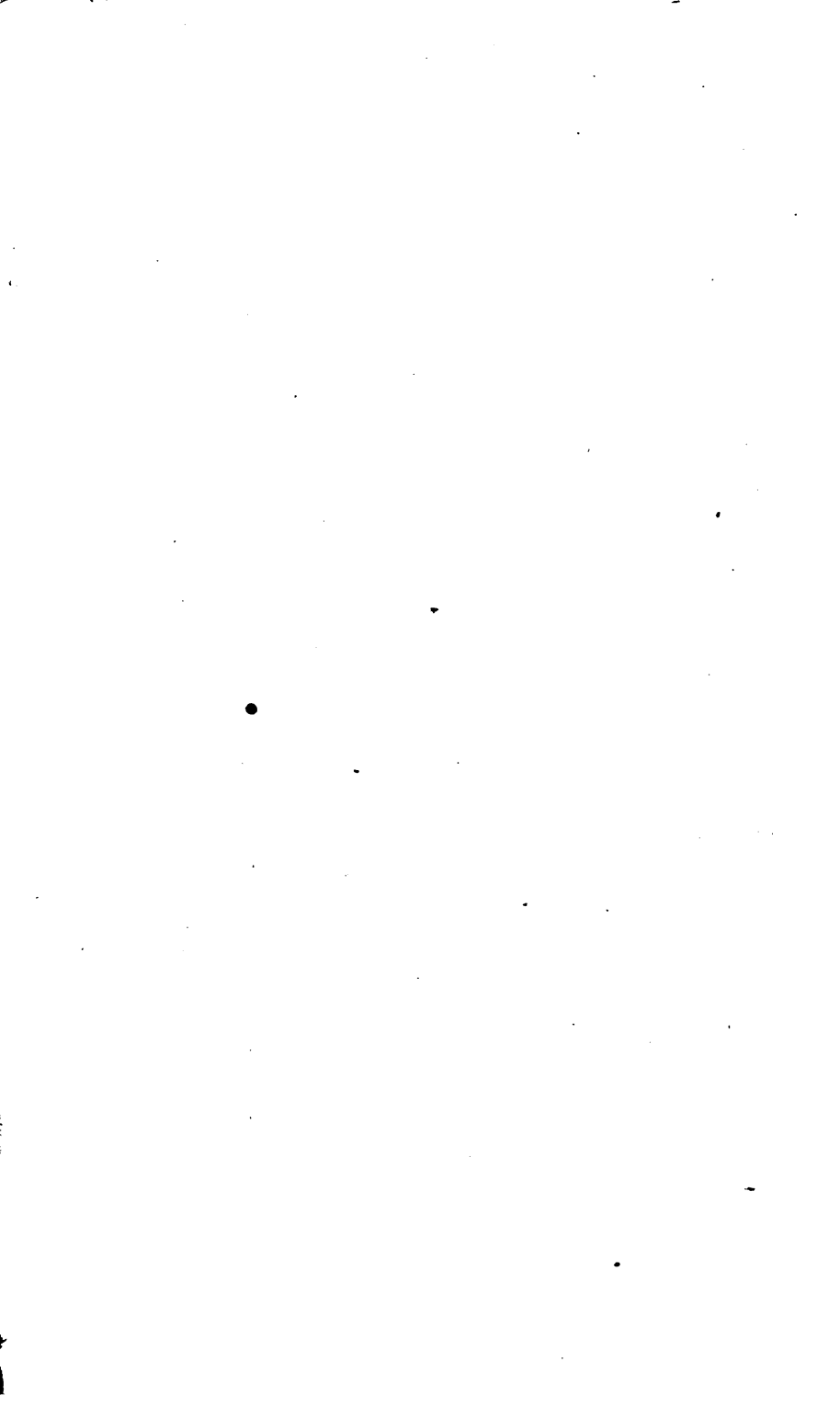
OS TRES CASTORES. Pag. 94.

As conveniencias zoologicas nos obrigão a dizer que os castores são uriundos da America do Norte ; as conveniencias de fabulista porém, dão-nos a liberdade de considera-los, nesta, fabula essencialmente brazileiros.

Pags. 21 e 80.

Independente dos erros, filhos de nossa pouca sciencia, é provavel que escapassem alguns erros, filhos do pouco tempo e pratica que temos de rever provas. Mas, se o leitor benevolo quizer lêr—ergue-te em vez de —erguei-vos, na fabula 1ª do Livro 2º ;— christãs em vez de —chistãs— na fabula 18ª do livro 4º, e outras pequenas faltas de simples correcçaõ, creio que nos dispensará d'uma pagina de erratas.

Algumas dessas fabulas tivemos a ousadia de dedical-as a alguns amigos. Cremos, porém, dar-lhes uma prova de amisade, não escrevendo seus nomes no livro por cujo destino tememos. E para que expo-los, com o nosso obscuro nome, á phrase incisiva dos contemporaneos ? — aos juizos immutaveis, ou quem sabe, se ao total despreso da posteridade ?

FIM.

INDICE.

Prologo . . . . pag. 1

LIVRO PRIMEIRO.

O Gaz e o Lampeão 3
Os Dous Colleiros 4
Os Pensadores 6
A Moda, o Luxo e a Desgraça 6
As Tres Esmolas 8
O Homem e o Jacami 8
O Papagaio 9
A Borboleta 10
O Porco e o Ramalhete 11
Desejos 11
O Burro e seu Senhor 12
A Indifferença 14
A Zebra e o Cordeiro. 15
O Cavallo e o Insecto 16
Creso e Homero 17
O Jaguar, o Touro e o Veado 18
Temores 19

LIVRO SEGUNDO.

O Pai de Familia 21
A Sombra de Erostrato 24
As Pombas n'uma Bibliotheca 24
Os Dous Coelhos 26
O Burro e a Locomotiva 27
A Aguia e o Raio 28
O Vento e a Poeira 29
As Pombas e os Urubús 30
A Roza e a Açucena 32

O Sapoty 32
O Gallo e o Condor 33
Hegesias e seos Discipulos 34
As Moedas 36
O Myope e o Presbyta 37
O Haschisch 38
O Foguete e o Monte 38
O Castor, a Formiga, a Abelha e a Preguiça . 39
A Roza e o Beija-Flôr 41
As Luzes e a Tocha 42

LIVRO TERCEIRO.

O Pavão e Outras Aves. 43
Os Ossos 46
Os Instrumentos 47
O Cão e o Tamanduá 48
As Formigas e o Colleiro 49
O Lynce e o Bemtevi 50
Os Vagalumes 52
A Mangueira 53
O Mel, a Abelha e o Menino 54
A Sorte Grande 54
O Moinho 55
Os Reptis e as Trepadoras 55
A Andorinha preza 57
O Asno e o Veado 58
Os Papagaios e o Macaco 60
A Cifra 61
O Gallo e a Aguia 61
O Pato Dansarino 62
O Cão e o Morcego 63
O Cavallo e a Sua Prole 63

LIVRO QUARTO.

Os Tres Mendigos 65
O Encyclopedico 66
A Preguiça 67

Os Irerés e a Tartaruga 67
Os Dous Mollossos 68
As Milesianas 69
O Mez e o Segundo 70
O Viandante 71
O Basilisco e os Povos 73
O Sabiá e o Pavão 73
O Botão e a Roza 74
As Girafas e as Gallinhas. 75
Os Dous Thiés 75
Os Cysnes e os Gansos 76
A Caixinha de Joias. 77
Os Guaraz e os Urubús 79
A Companheira do Christão 80
O Ar e o Livro 82

LIVRO QUINTO.

O Melro e o Sahi 83
O Microscopio e o Telescopio 84
O Lagarto e o Jardineiro 85
Os Dous Ladrões. 85
O Caboré e o Condor 86
Amanhã 87
O Encontro e o Rouxinol 89
Os Meninos de Sparta 90
Dibutada 91
Os Dous Leitos 91
O Saguim e o Gaturamo 92
Os Tres Castores 94
As Larangeiras 96
O Mar e o Tronco 67
O Tygre bemfazejo 97
A Inperfectibilidade humana 100
O Pantheon 101
Epilogo 102
Notas 105

TYPOGRAPHIA BRASILIENSE DE MAXIMIANO GOMES RIBEIRO.
RUA DO SABÃO N.º 114.